



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPGEL)



**O DESPERTAR DE UM GRITO: o espaço e a violência social posta às  
claras em *Manual prático do ódio*, de Ferréz**

LANNA CAROLINE SILVA DE ALMEIDA

TERESINA – PI  
2018

LANNA CAROLINE SILVA DE ALMEIDA

**O DESPERTAR DE UM GRITO: espaço e a violência social posta às claras  
em manual prático do ódio, de Ferréz**

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí – UFPI, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Literários.

Orientador: Dr<sup>a</sup> Margareth Torres de Alencar Costa

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras  
Serviço de Processamento Técnico

C837r Almeida, Lanna Caroline Silva de.  
O despertar de um grito: o espaço e a violência social  
posta às claras em Manual Prático do Ódio, de Ferréz /  
Lanna Caroline Silva de Almeida. – 2018.  
80 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade  
Federal do Piauí, 2018.

Orientação: Profa. Dra. Margareth Torres de Alencar  
Costa.

1. Literatura Brasileira. 2. Literatura Marginal. 3.  
Marginalizados. 4. Violência Social. Título.

CDD B869.3

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me enviado forças para não desistir nesses dois anos de pesquisa.

Aos meus pais, Maria Alice e Antonio Francisco, por sempre me apoiarem e incentivarem meus estudos. Por entenderem os momentos de ausência em reuniões familiares. Amo vocês. Muito obrigada!

A minha irmã, Samya, por me ajudar, me escutar e estar sempre ao meu lado. Pela força e confiança, seu encorajamento foi essencial para mim. Sem seu apoio não teria chegado tão longe. Agradeço a Deus por ter me dado você como irmã. Obrigada. Amo-a.

A Denise, minha amiga, por tudo o que vivemos nesta jornada. Pela convivência, pela amizade verdadeira consolidada nesse mestrado. Por ser a minha parceira em todas as saídas e idas aos shoppings. Por todos os momentos de estudos juntas. Por me ensinar a ver a vida de forma alegre e leve, pelos momentos de angústia em época de entrega de artigos e prazos curtos. Agora você faz parte da minha vida.

Ao Magno, por seu meu companheiro, parceiro e amigo. Por acreditar em mim e torcer pela minha vitória, mesmo quando eu pensei que não conseguiria. Pelos conselhos e carinhos em todos os momentos. Por estar sempre comigo apesar da distância.

A Amanda e ao Herderson, por serem mais que amigos, são pessoas importantes nesta jornada e também na minha vida. Pelas conversas, pelos conselhos e incentivos a vencer os obstáculos que a vida impõe.

Ao Herbert e ao Thiago, por serem aqueles amigos especiais e sempre que preciso estão com bons conselhos. Por tornarem meus dias mais alegres.

A professora Telde, por ser um exemplo de dedicação à docência. Por me mostrar de forma calma os estudos da Língua.

Aos meus amigos, Luinaldo, Ellen, Lúna, Joselita e Marise que me acompanham desde quando o Mestrado era só um sonho a ser realizado.

Aos meus amigos do Mestrado, em especial Lucas, Jivago, Raquelle, Osires, Vanessa Lemos, Sara e Maria. Fui agraciada com a melhor turma de Mestrado que a UFPI já teve. Por todos os momentos compartilhados e as aulas assistidas. Espero sempre poder contar com todos.

Aos meus amigos da Libras, Marina, Brunoro, Raimifran, Mário, Luan, Françoan que se tornaram especiais em minha vida. Ao Edney, por ser um lindo presente que a Libras me deu.

A minha orientadora, Margareth, por ter me aceito como orientanda e me guiar neste caminho que pareceu pedregoso, mas se tornou deleitável. Que esta parceria tenha outros caminhos acadêmicos.

A CAPES, por me possibilitar seguir economicamente com a minha pesquisa.

À UFPI, por ter me proporcionado seguir com a minha pesquisa e ter oportunizado o convívio com professores de grande qualidade nesta turma de 2016. A todos que me apoiaram nesta etapa de longos estudos.

Dedico a minha família.  
Por vocês, procuro crescer e ser melhor todos os  
dias.

“[...] a única diferença entre os jovens que roubavam e os roubados é o muro social que divide o país”. Ferréz

## RESUMO

Os estudos literários, por muito tempo, foram um espaço de exclusão ocupado por escritores que fazem parte do modelo da alta literatura. As vozes dos marginalizados são ouvidas com incômodo, pois mostram a realidade rejeitada pela sociedade letrada. A escrita literária deles visa acabar com o silêncio no qual foram colocados. Tais autores passaram a fazer uso da literatura para externar a repulsa perante a situação dos moradores da periferia. Os excluídos deixam o campo da representação e do silêncio, passando a ter voz na narrativa literária. Voz esta que, antes suprimida, passa a acessar a fala por meio do discurso literário. Com isso, percebe-se que o autor marginal é uma testemunha das experiências transportadas para o texto, um espectador da árdua sobrevivência nas periferias das grandes cidades. Os textos de escritores marginalizados começaram a fazer parte deste meio disputado pela Alta Literatura. O espaço citadino passou do elemento externo para o interno, ou seja, um elemento social dentro da obra, podendo agir para a degradação ou levantamento do sujeito. Este trabalho tem o objetivo de analisar a violência social representada na obra *Manual prático do ódio* (2014), de Ferréz a partir desta análise, a pesquisa visa discutir o espaço social da obra. Para atingir o objetivo proposto, a presente pesquisa toma como pressupostos teóricos Dalcastagné (2008) e Schollhammer (2000;2008), que subsidiam o debate sobre a manifestação da violência e sua relevância nas narrativas; Brandão (2011;2013), que apoia a discussão sobre o espaço ficcional; Ferréz (2005), que provoca, através das publicações de autores da marginalidade, um inquietamente entre os leitores. Por meio de pesquisa bibliográfica, com abordagem analítico-qualitativa, observou-se também que esta representação se confirma nas vozes dos personagens em seu confronto com a imposição de manter-se à margem da sociedade. Como resultado desta pesquisa, Ferréz aponta como o espaço influencia as personagens, uma vez que, no momento em que o lugar do qual ele fala desloca os valores que elas compartilham. Além disso, percebe-se que os marginalizados denunciam as dificuldades que vivenciam através de suas produções sem a preocupação de passarem pelo crivo da impositiva norma culta. Isso posto, vê-se que os estudos relacionados ao sujeito subalterno têm na sua voz o meio libertador a partir da consciência de autonomia de cada indivíduo. Finalmente, percebe-se que os diversos momentos dos escritores desta pesquisa definem a concepção da violência como meio de sobrevivência no contexto social em que *Manual Prático do ódio* está inserida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Marginalizados. Violência social. Manual prático do ódio.



## ABSTRACT

Literary studies, for a long time, were a space of exclusion occupied by writers who are part of the model of high literature. The voices of the marginalized are heard with discomfort, as they show the reality rejected by the literate society. Their literary writing aims to end the silence in which they were placed. These authors began to make use of the literature to express the repulsion in the face of the situation of the inhabitants of the periphery. The excluded leave the field of representation and silence, having a voice in the literary narrative. Voice is that, before suppressed, it comes to access the speech through the literary discourse. With this, it is perceived that the marginal author is a witness of the experiences transported to the text, a spectator of the arduous survival in the peripheries of the big cities. The texts of marginalized writers began to be part of this medium disputed by the High Literature. The urban space moved from the external element to the internal, that is, a social element within the work, and can act for the degradation or lifting of the subject. This work aims to analyze the social violence represented in Ferréz 's Practical Handbook of Hate (2014), based on this analysis, the research aims to discuss the social space of the work. In order to achieve the proposed objective, the present research takes as theoretical presuppositions Dalcastagné (2008) and Schollhammer (2000; 2008), which subsidize the debate about the manifestation of violence and its relevance in the narratives; Brandão (2011; 2013), which supports the discussion about fictional space; Ferréz (2005), which causes, through the publications of authors of the marginality, an uneasy among the readers. Through a bibliographical research, with an analytic-qualitative approach, it was also observed that this representation is confirmed in the voices of the characters in their confrontation with the imposition of remaining on the margins of society. As a result of this research, Ferréz points out how space influences the characters, since, at the moment when the place from which it speaks, it displaces the values they share. In addition, it is perceived that the marginalized denounce the difficulties they experience through their productions without the concern of passing through the sieve of the imposing cultured norm. This fact, it is seen that the studies related to the subaltern subject have in their voice the liberating means from the consciousness of autonomy of each individual. Finally, it is noticed that the different moments of the writers of this research define the conception of violence as a means of survival in the social context in which Practical Handbook of hate is inserted.

**KEY WORDS:** Marginalized. Social violence. Practical Handbook of Hate

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	11
2. RECEPÇÃO DA FORTUNA CRÍTICA SOBRE FERRÉZ E <i>MANUAL</i> <i>PRÁTICO DO ÓDIO</i> .....	15
3. LITERATURA MARGINAL: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS .....	21
3.1 O impacto da Literatura Marginal .....	21
3.2 A revolta nas páginas .....	28
4. O ESPAÇO DISSEMINADOR DA VIOLÊNCIA NA PERIFERIA .....	36
5. ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA SOCIAL E <i>MANUAL</i> <i>PRÁTICO DO ODIO</i> , DE FÉRREZ.....	52
5.1 Desesperança na periferia .....	52
5.2 Espaços marginalizados .....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	72
REFERÊNCIAS.....	77



## INTRODUÇÃO

A Literatura marginal surgiu com escritores que produzem artes de forma artesanal e fora do mercado editorial. Depois os escritores passaram a escrever livros com histórias que expressam o cotidiano de quem vive na periferia, como por exemplo, Paulo Lins, com a obra *Cidade de Deus*. Este tipo de Literatura tem o intuito de acabar com o silêncio em que os marginalizados foram colocados. Os autores que são da periferia, utilizam a literatura para externar a repulsa perante a situação dos moradores da periferia. Vários temas são abordados, por exemplo, denuncia, amor, família, desemprego e criminalidade.

Neste tipo específico de textos literários, percebemos um caráter testemunhal, dentre os quais é possível encontrar textos de natureza autobiográfica. Um dos escritores representantes desta literatura é Ferréz, morador da periferia, que procura mostrar através de seus livros suas vivências na comunidade Capão Redondo. A representação da violência em suas obras mostra que os moradores dessa comunidade sofrem e sobrevivem em seu cotidiano.

O interesse em ter *Manual prático do ódio*, de Ferréz como *corpus* desta dissertação foi a percepção do multifacetado afloramento de centralização daquilo que só se vislumbra às margens da “boa literatura” e da vida por meio delas trazida às escuras nas cenas de enunciação literária. Seus personagens, seu enredo, seu espaço físico, social e seu contexto permitiram observar as personagens se mobilizando nas teias da narrativa com uma agudeza despida de licenças embelezadoras do que é real e vem transposto ao fazer literário desse escritor. O espaço da favela abordado na obra é fascinante e ao mesmo tempo intrigante no desenrolar do enredo. Percebemos o espaço influenciando as personagens por meio do momento de enunciação das mesmas no lugar do qual ele fala, desloca os valores que elas compartilham.

Existem um arsenal de temas que podemos perceber nas produções culturais de autores da literatura marginal, mas, para delimitar o estudo desta pesquisa, escolhemos a violência e o espaço social. O comportamento da sociedade diante dos temas inseridos nessas obras expõe a desvalorização do

espaço da favela e seus moradores.

Anteriormente, a periferia não participava diretamente das narrativas e suas personagens eram colocadas em segundo plano. Colocar a violência em evidência, a marginalização sofrida pelos moradores é um dos temas que os autores trazem para as obras. O escritor tem sua maneira de desenvolver a narrativa de acordo com o que absorve da vivência nas periferias. Assim, denunciam a negligência das autoridades com os moradores de periferias que sofrem com grandes jornadas de trabalho e péssimas condições de vida.

A violência é um ingrediente perspicaz na obra de Ferréz, porque ele direciona personagens para o lado “ruim” da sociedade, a vida criminosa. A favela retratada na obra é um espaço social, onde predominam desigualdade, o preconceito, a falta de segurança, onde “o código de ética do crime” é seguido à risca pelos chefes sobre seus subalternos. Alguns moradores seguiram por este caminho em busca de uma vida melhor reagindo frente ao desamparo das autoridades.

O espaço é objeto de estudo de diversas áreas tais como a sociologia, a geografia, o físico estudado dentre outras que, em seus respectivos domínios adentram nesse campo mesclado pelos sujeitos em um tempo uno que subjetiva a enunciação por meio das personagens que se corporificam no fio da narrativa literária, como por exemplo, na sociologia, na geografia entre outros, nesta pesquisa dedicaremos nosso olhar sobre o espaço da narrativa, mais especificamente, ao espaço social vinculando-o à restrição de personagens que não estão de acordo com as normas da sociedade. Esta relação refere-se a ter propriedade.

O autor apresenta sua história, seu dia-a-dia, na periferia, denunciando suas mazelas e a marginalização destas personagens. Ferréz foi o responsável pela edição intitulada *Literatura Marginal: a cultura da periferia* na qual foram reunidos autores moradores das periferias. O presente trabalho tem o objetivo de analisar a representação da violência no *Manual prático do ódio*, a partir da organização do espaço na obra e comparar suas consequências nas representações da violência social das personagens da obra.

*Manual Prático do Ódio* (2014) conta a história de Régis, protagonista da narrativa que, junto com Lúcio Fé, Celso Capeta, Aninha, Mágico e Neguinho da mancha na mão, tramam um assalto. A história de personagens

que desnudam sonhos, amores, medos e morte, demonstra as conseqüências na/da periferia. Ferréz utiliza-se da difícil realidade das pessoas da comunidade, as mazelas sociais que caracterizam cada personagem, ao passo que o caminho percorrido por elas se desnuda aos olhos do leitor por meio das muitas faces da violência.

O leitor se depara neste livro com uma escrita de caráter forte e impactante, cujo objetivo é narrar a miséria, a pobreza e a violência vivida pelas personagens em uma narrativa que movimenta seis jovens “criminosos” que estão tramando um assalto que vai render muito dinheiro eles.

Com a leitura da obra *Manual prático do ódio* (2014), notamos que o espaço influencia a manifestação da violência na obra. Deste modo, esta pesquisa será relevante para os estudos culturais em que a violência social for um ingrediente principal. Esta pesquisa busca compreender essa realidade com apoio na Literatura marginal, nos estudos sobre espaço e violência social e, especificamente, a contribuição proposta por Dalcastagné (2005; 2008). Para o estudo desta pesquisa utilizaremos Candido (1987; 2011) e Gomes (1999). O número de publicações com esta temática vem aumentando no campo literário.

Constatamos que a Literatura marginal traz à tona sujeitos capazes de produzir literatura. Seu conhecimento de quem viveu na favela, isso não diminui o texto, mas sim, o torna mais objetivo, convocando um novo olhar à leitura. Os espaços representados nessas narrativas contemporâneas pouco valorizadas estão sendo tomados como cenários de vários livros. Um tema já retomado por vários escritores na história da Literatura e, percebemos que se tornou frequente nos textos literários.

O segundo capítulo desta pesquisa abordará a repercussão da Literatura Marginal no campo literário que, por muito tempo, foi um espaço exclusivo para autores consagrados pelo cânone. Deste modo, o meio literário tem se alimentado de uma pujante produção até pouco tempo não inscrita, margeando a sociedade, e que se vê ou é vista, é lida, por circular, por ser publicada. Esses escritores romperam a barreira invisível e esbravejaram em suas obras as dificuldades sofridas por quem está à margem da sociedade. No intuito de sustentar as incursões nas discussões a respeito de nossa pesquisa no que concerne à temática como a da violência social e do campo literário foram utilizados Dalcastagné (2012), Scholhammer (2009) e Bourdieu (2002).

O terceiro capítulo analisa a obra *Manual prático do ódio* e configura-se como uma abordagem analítico-quantitativa, pois investiga o espaço e sua relação com os elementos da narrativa. Na obra encontramos um enfrentamento entre a marginalização dos moradores e a revolta contra a sociedade preconceituosa em um espaço social marcado por exclusão, crimes e ódio.

A cidade, pelo viés dessa pesquisa se mostra ou é mostrada enquanto disciplinadora do homem que causa a desordem observada na obra pesquisada. A marginalização dos moradores da favela induzirá o grupo de assaltantes enfocados na presente análise a entrar cada vez mais na criminalidade, fazendo vir à tona uma espécie de reação contra a imposição do centro à periferia.

## 2. RECEPÇÃO DA FORTUNA CRÍTICA SOBRE FERRÉZ E MANUAL PRÁTICO DO ÓDIO

Reginaldo Ferreira da Silva, conhecido como Ferréz, morador da comunidade Capão Redondo, periferia de São Paulo, nasceu em 29 de dezembro de 1975, bairro Cantinho do céu. Durante a infância morou em Valo Velho e depois mudou-se para Capão Redondo. É escritor de livros que exibem em suas narrativas representantes da periferia. Participa da Literatura marginal, na qual escritores considerados da margem da sociedade produzem seus textos. Sua primeira obra foi *Fortaleza da desilusão* (1997) e depois seguiram *Capão pecado* (2000), *Manual prático do ódio* (2003), *Amanhecer esmeralda* (2004), *Ninguém é inocente em São Paulo* (2006), *Cronista de Um Tempo Ruim* (2009), *Deus foi almoçar* (2011), *O pote mágico* (2012), *Os ricos também morrem* (2015). Ganhou visibilidade com seu estilo de escrita, na qual a linguagem não tem refinamento gramatical.

Com vários vídeos e com opinião vigorosa, Ferréz conquistou fãs. Iniciou sua escrita com 7 anos de idade. Aos 12 anos escrevia algumas poesias. Em entrevista ao site *El país*, o escritor afirma que é do contexto da favela que retira sua história para produzir seus livros. Com a ideia de que a literatura transforma as pessoas, o ativista procura levar seus textos para as escolas e rodas de amigos.

A pesquisadora Érica Nascimento, em sua tese "*Literatura Marginal*": os escritores da periferia entram em cena, na qual os objetivos são a compreensão do termo Literatura Marginal, investiga as três perspectivas, a produção e a circulação dos produtos literários comercializados, e a divulgação da cultura na periferia e como são formadas as identidades coletivas no campo literário.

Ferréz empunha o termo Literatura marginal logo depois da publicação de sua obra *Capão Pecado*. Ferréz (2005) declara como ele teve a ideia de ser escritor marginal

Quando eu lancei o *Capão Pecado* me perguntavam de qual movimento eu era, se eu era do modernismo, de vanguarda... e eu não era nada, só era do hip hop. Nessa época eu fui conhecendo reportagens sobre o João Antônio e o Plínio



Marcos e conheci o termo marginal. Eu pensei que era adequado ao que eu fazia porque eu era da literatura que fica à margem do rio e sempre me chamaram de marginal. Os outros escritores, pra mim, eram boyzinhos e eu passei a falar que era literatura marginal. (FERRÉZ, 2005, p.15)

Manual prático do ódio foi lançado em 2003, reeditado em 2014, consolidou mais ainda Ferréz na vida literária do Brasil. Mostra um enredo que prende o leitor com histórias paralelas e crueza da escrita. Ferréz foi traduzido para a Itália, México, Alemanha, Portugal e França. A discussão sobre literatura é o que mais atrai o poeta marginal, para ele uma forma de defender-se na sociedade que exclui pessoas da periferia, pois com a Literatura ele está ultrapassando uma barreira imposta há séculos. Numa palestra em Campo Grande (MS) sobre literatura, na sala Conceição Ferreira, Ferréz polemizou a poesia marginal no Brasil, em uma roda de conversa repleta de senso crítico.

Constantemente é convidado para rodas de conversas sobre Literatura e seu papel na sociedade. De acordo com Ferréz, na roda de conversa “A literatura me fez sentir medo, raiva, mas me deu esperança, me ensinou a ter senso crítico, me fez enxergar que a gente construiu esse país, mas não usufrui dele.” (FERRÉZ, 2017 s/p). É por ter esperança na literatura que o escritor quer conscientizar a sociedade do espaço conflituoso e marginalizado: a periferia.

Em entrevista ao *El país*, Ferréz, dialogou sobre sua produção e sua inspiração na favela. Para o escritor, a favela é o seu lugar de criação, como na resposta dada ao repórter quando este tacha sua literatura por ser combativa.

Eu não fujo disso. Todo lugar que eu estou no mundo, quando estou falando de literatura combativa, tem autor que diz que não tem esse compromisso, que não é prisioneiro disso ou daquilo. Eu acho lindo isso, mas não tem como você escrever uma coisa, sair na esquina, ver um cara morto e não sentir nada. Se você consegue fazer isso, boa sorte. Mas eu não consigo. (FERRÉZ, 2015.s/p)

Ferréz argumenta que não consegue viver na favela e sair ileso mentalmente, no meio de tanta violência e pobreza, sua reação é feita através dos livros. Diferente de outros escritores, que não querem entrar nesse engajamento, o ativista veste a camisa e se empenha em seus projetos para

crianças e adolescentes.

Sendo assim, a proposta de Ferréz é evidenciar outra realidade em seus livros, feito escritores como Rubem Fonseca, Carolina Maria de Jesus, Paulo Lins, Sérgio Vaz, Alessandro Buzo, Sacolinha, Elizandra Souza e Lutigarde Oliveira entre outros.

Eble e Lamar (2015), ao discorrer sobre os escritores marginais afirmam que

“Os escritores dessa nova geração não buscam a marginalidade na reprodução de suas obras como meio de divulgação. A apropriação do “marginal” se dá pelas questões sociais retratadas nas obras, pelo ambiente periférico e pela própria condição dos escritores que estão à margem da elite literária e, até mesmo, pela subversão ao cânone literário. (EBLE E LAMAR, 2015 p.197)

Abordar esses temas é um desejo de mudança abafado e que ocupou espaço nos meios culturais nacionais, é a denúncia que há muito foi censurada, mostrando que o centro se tornou hostil para os pobres e moradores da periferia. O movimento da periferia ascendeu e a hostilidade que sofriam, é lida nos livros que mostram e questionam outra realidade.

Numa recente entrevista ao blog Página Cinco, ano passado Ferréz conversou sobre a obra *Capão Pecado*, seu grande sucesso. Foi com ela que o morador da periferia se consagrou no meio literário. Após 17 anos de sua publicação, o autor diz, ainda, que a violência está tomando rumos bastante assombrosos na sociedade brasileira.

O escritor passou por muitas dificuldades para que seu livro fosse lido e ele fosse visto como escritor da periferia. Almeja tirar a ideia de que escritor é quem mora nos bairros de elite, e tem a intenção de provar que a periferia também produz literatura através de sua produção cultural.

Outro pesquisador da narrativa de Ferréz é Renato de Sousa, da Unesp, com dissertação, defendida em 2010, intitulada *O “CASO FÉRREZ”: um estudo sobre a nova literatura marginal* e o trabalho desenvolvido por moradores da favela, sujeitos excluídos que podem fazer parte do âmbito literário contemporâneo. O pesquisador propõe uma análise sobre as obras de Ferréz e os temas abordados pela “nova literatura marginal”, o estudo nessa perspectiva e a repercussão dessas produções no meio literário.

Sousa (2010) faz um traçado da vida de Ferréz e sua produção cultural, no qual seu cotidiano em Capão Redondo é apresentado à sociedade em forma de livros. Seus temas mostram a resistência em viver na favela e os diferentes caminhos que os habitantes podem seguir.

Devido à publicação de *Manual prático do ódio* (2014), Ferréz ganha o prêmio Hútuz, uma premiação que enaltece os melhores hip-hops, pelo selo Ciência e Comportamento. Outra premiação foi no 1º Cooperifa, onde ganhou pelo conjunto da obra e pela criação do projeto Literatura Marginal e seu incentivo à publicação de escritores das classes mais desvalorizadas.

O crítico Rodriguez, em seu artigo *O ódio dedicado: algumas notas sobre a produção de Ferréz* destaca a importância das obras de Ferréz no campo literário. O escritor discute as injustiças que a população periférica sofre em seu cotidiano. Há inúmeros temas que o escritor paulistano traz para sua obra.

A produção de Ferréz, pseudônimo de Reginaldo Ferreira da Silva, renova a demanda pela discussão de problemas como os de “autenticidade” de tais vozes, das dinâmicas que nelas se desenham entre “documento”, “testemunho” e “invenção”, bem como a questão do(s) valor (es) – mercadológico, estético, político – negociado(s) em tais textos. (RODRIGUEZ, 2004, p 54)

Conforme o ativista, Ferréz a cada produção que molda sua escrita, envolvendo histórias paralelas e problematizando os temas abordados, percebemos que sua obra vem mais que uma imposição, mas como uma urgência em colocar para todos o descaso social sofrido pelos moradores.

O pesquisador Cruz (2009), em sua tese *Narrativas contemporâneas da violência: Fernando Bonassi, Paulo Lins e Ferréz*, coloca as obras *Cidade de Deus*, de Paulo Lins e *Manual Prático do ódio*, de Ferréz na categoria de Literatura ruidosa, pois usam a violência como forma de transmitir e causar desconforto à sociedade, que tentou de todas as formas inibir a população marginalizada de ter seu espaço de fala. Para o pesquisador, a publicação dessas obras é uma forma de romper o silêncio e sair da marginalidade. Mudar o foco narrativo, passar de narradores da classe média para moradores de favelas são estratégias dos autores desta nova corrente literária.

Para o estudioso, a literatura ruidosa é “A narrativa contemporânea advinda das margens que, apesar do silêncio inicial, sob as mais variadas tentativas de mantê-la na indivisibilidade, não poderá mais ser ignorada.” (CRUZ,2009, p.17), abordar a violência como um ingrediente medular que tem como intuito fazer o leitor refletir sobre os personagens que estão em convívio direto com a violência e seus caminhos com dinheiro fácil, mas, sem paz, sempre armados e desconfiando de todos que chegam perto. Este debate ainda está longe de um desfecho, pois o cerco foi rompido, mas a aceitação desta literatura caminha a passos lentos.

Ferréz (2005) fala que a intenção não é separar os leitores e seus espaços, mas expor através dos livros o que a periferia brasileira experiencia em seu cotidiano. Com diversas perguntas sobre a segmentação da literatura, o ativista responde:

– O barato já tá separado há muito tempo, só que do lado de cá ninguém deu um gritão, ninguém chegou com a nossa parte, foi feito todo mundo de teses e de estudos do lado de lá, e do cá mal terminamos o ensino dito básico. (FERRÉZ, 2005, p. 13)

Assim, é expondo a Literatura Marginal e suas vivências que esses escritores pretendem sair do retraimento social e cultural, divulgando o espaço social dos sujeitos excluídos e as desigualdades desse espaço. É através do espaço na crítica literária que conseguiu através de seu livro Capão Pecado, que abre caminho para outros escritores que estão na mesma situação em lugares marginalizados.

Ribeiro e Miranda (2016) afirmam que Ferréz tornou-se um “intelectual da periferia”, com suas obras literárias e seus projetos que envolvem a publicação de textos criados na periferia pelos moradores da periferia. Escritores que estão movimentando-se na cena cultural e colaborando para o crescimento da literatura marginal. O contexto da obra dos escritores periféricos é a periferia como também a cidade.

Percebemos que os trabalhos desenvolvidos perpassam por uma busca pelo conceito de literatura marginal o que difere desta pesquisa, posto que é o estudo do espaço na obra como agente influenciador nos personagens. A pesquisa tem como base a questão norteadora Como a

organização do espaço influencia a propagação da violência? Como o grupo criminoso vê a violência na favela? Questionamentos que no decorrer da pesquisa pretendemos responder.

No próximo capítulo partiremos para o estudo sobre a problematização que implica a Literatura Marginal e a representação de um novo grupo que apreende deste termo às suas produções culturais contemporâneas. A linguagem utilizada por esses escritores de escrita periférica com o intuito de aproximar seus leitores a obra. O aporte teórico que embasará a análise da obra *Manual prático do ódio*, de Ferréz são Schollhammer (2000;2009), Dalcastagné (2012;2013).

### 3. LITERATURA MARGINAL: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

#### 3.1 O impacto da Literatura Marginal

A Literatura marginal surgiu na década de 1970, assinalada pelos escritores Ana Cristina Cesar, Paulo Leminiski, Cacaso, Chacal e Francisco Alvim, dentre outros, disseminando a Poesia Marginal ou Geração Mimeógrafo, o que difere deste termo para Literatura Marginal iniciada por Carolina Maria de Jesus e Rubem Fonseca é o direcionamento e o espaço de fala. Os primeiros eram da classe média alta, o seu espaço difere de suas obras, tem a classe desfavorecida em suas narrativas, porém o segundo são escritores que aproveitaram a vez e usam para falar de seu espaço de vivência, a periferia, possuindo legitimidade. Em 1990, surgiu a cultura hip-hop, os escritores e a produção da periferia saía dos cantos e ocupava o centro de seu espaço.

Em 1960, a escritora Carolina Maria de Jesus lança a obra *Quarto de despejo*, carregando em seu texto a miséria da vida dos catadores de lixo e dos moradores da favela. A escritora vendeu mais de cem mil exemplares da obra. Mas foi em 1970 que a Literatura Marginal despontou e até hoje adquire autores e leitores. Muitos escritores com senso crítico aguçado apontam as mazelas da periferia. O escritor Rubem Fonseca trouxe para o foco de suas narrativas os sujeitos e situações excluídas da população marginalizada. Assim, surgiram textos que refletem a vida dos marginalizados, por exemplo, *Feliz Ano Novo* (1975), de Rubem Fonseca, *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins e *Capão pecado* (2000), de Ferréz, dentre outros.

O pesquisador afirma que a Literatura Marginal surgiu com o propósito de mostrar a realidade dos espaços marginalizados do Brasil em suas obras, através da linguagem. A marginalização está, além dos textos, na forma de distribuição e insubordinação dos autores à classe dominante. Esta corrente “procura refletir aspectos inumanos e marginalizados da realidade social”, (SCHOLLHAMMER, 2009, p.98) .

Dessa forma, percebemos um encantamento por essas novas narrativas que trazem os marginalizados como temas centrais de suas obras. As editoras começaram a publicar obras com essa temática, em busca de vozes com tais características marginais.

Em 1999, o médico Dráuzio Varella lança a obra *Estação Carandiru* (1999), que dispõe para o leitor a realidade dos detentos da Casa de detenção Carandiru, posteriormente a obra foi adaptada para o cinema. Com excelente recepção do público, surgiram outras adaptações para o cinema. No entanto, não é menosprezar a obra de Varella, mas, apesar da extensa pesquisa feita pelo autor para compor a obra, muitos autores não consideram a obra como inserida na Literatura Marginal, porque o autor não tem as experiências e o convívio com o espaço de que fala. Para os autores marginalizados, falta viver na periferia para entender o que eles produzem, não como uma obra lançada, mas uma denúncia da sociedade preconceituosa e racista.

As produções da periferia entraram num espaço disputado, o campo das publicações, que obriga, apesar de estarem no espaço, a se adequarem ao marketing. Com um papel na sociedade ou não, essas publicações apontam para diversas possibilidades de interpretações. Diversos autores embarcaram nessa situação de produção e publicação, alguns sem esquecer a sua origem e a principal intenção de escrever, porque os autores dessas obras possuem um suporte maior quando fazem parte do meio retratado na obra diferentemente de outros que olham de um ângulo diferente.

Já não parece haver nenhuma diferença decisiva entre as versões espetaculares e as tentativas genuínas de expressar a problemática social, entre produtos mercadológicos e depoimentos e testemunhos literários verdadeiros (SCHOLHAMMER, 2009, p.100)

Para o Scholhammer (2009), é necessário discernir o sentido espetacular/chamativo do empenho em denunciar as desigualdades vividas pelos habitantes da periferia, pois podem perder o foco do objetivo inicial dessas produções.

O autor ainda apregoa que:

...é por esse caminho que a chamada “cultura da periferia” começou a se impor sobre a literatura, apelando ao lado

fortemente mercadológico e, simultaneamente, ao esforço genuíno de encontrar uma nova adequação entre a realidade social brasileira e novas linguagens expressivas. (SCHOLLHAMMER, 2009, p.99).

Com a atenção em seus textos, esses escritores romperam o silêncio e falaram sobre as dificuldades que viviam. Pondo de lado os mediadores, que por muito tempo falavam por eles e ocupavam a vez de falar. Schollhammer (2009) nos apresenta duas realidades do meio marginalizado que são a “representação midiática pasteurizada” e o “problema de conteúdo e do “como” dar visibilidade a esse tipo de questão” (SCHOLLHAMMER, 2009, p.100) Aquela dificulta o entendimento do conteúdo principal desta literatura, ou seja, escancara a dura realidade das pessoas que sobrevivem na favela. Esta é um meio encontrado pelos autores para dar transparência a esta temática: o contraste social na favela. Este meio foi um caminho, menos difícil, encontrado pelos autores para quebrar as correntes e seguir para o ponto central da edição e publicação de suas obras.

A classe dominante que tinha nas mãos o poder de deixar determinadas obras circularem no meio literário, contudo não conseguiu segurar a barreira que aos poucos foi rompendo e autores marginalizados adentraram e fincaram suas vozes nesse ambiente hostil para novos escritores. Assim sendo, o escritor Ferréz, apesar de ser da favela, discriminado, conseguiu que seus livros ganhassem visibilidade pela crítica e pelos mais diversos leitores, através dos livros que mostrassem de forma literária a periferia da cidade de São Paulo. Temas sobre amor, morte, amizade, traição, drogas, assaltos e família estão presentes nas narrativas desses escritores da periferia.

De acordo como o Schollhammer (2009), a literatura marginal propõe:

ainda há quem defenda uma aura de seriedade artística em torno da questão que parece gratuita e oportunista, se comparada com produções que vem propondo outras matrizes e novos valores para a própria criação literária e artística, refletindo o desafio de encontrar experiências formais adequadas a esse conteúdo, lançando inclusive um olhar incisivo e crítico sobre as linguagens costumeiras da mídia e do mercado. (SCHOLLHAMMER, 2009, p.101)



O autor explica que devemos entender que há um apelo comercial para o surgimento desta corrente literária, pois precisavam se enquadrar no campo muito disputado em busca de espaço para legitimar sua voz. Apesar do apelo comercial em que estas obras se encontram, nelas o autor tem a ocasião de escrever sobre o desamparo da sociedade diante da crueldade que ocorre na periferia. Os criminosos ditam as regras e toda a favela tem a obrigação de cumprir ou podem sofrer consequências.

Dalcastagné (2012) afirma que a literatura brasileira sempre foi um espaço de poder, no qual escritores almejavam um lugar para consolidar seu texto, afirmando sua validade. Veem ocorrendo um alvoroço no meio literário em virtude do surgimento de produções literárias de autores que não correspondem ao perfil de autor conhecido pela sociedade. Esta batalha por um lugar no campo tão disputado reflete a dificuldade em encontrar um espaço para transmitir sua literatura.

#### Conforme a pesquisadora

Quando entendemos a literatura como uma forma de representação, espaço onde interesses e perspectivas sociais interagem e se entrecrocaram, não podemos deixar de indagar quem é, afinal, esse outro, que posição lhe é reservada na sociedade, e o que seu silêncio esconde. Por isso, cada vez mais, os estudos literários (e o próprio fazer literário) se preocupam com os problemas ligados ao *acesso à voz* e à representação dos múltiplos grupos sociais (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 17)

Esses espaços de exclusão, ocupados por escritores que fazem parte do modelo de literatura aceito pela sociedade, começaram a ser conquistados pelas novas abordagens literárias, textos que mostram a voz de autores excluídos do cenário literário brasileiro, conforme esclarece Dalcastagné (2012) “essas vozes cuja legitimidade para produzir literatura é permanentemente posta em questão, que tencionam, com a sua presença, do que é (ou deve ser) o literário. (DALCASTAGNÉ, 2012 p.16) Autores que atestam com suas obras o espaço conflituoso em que vivem.

A pesquisadora explica que os critérios de valoração de obras, que fazem parte de um fluxo literário, podem romper ou ser reformulados conforme novas vozes vão surgindo no meio. Essas representações vêm de encontro a

notáveis textos, com o intuito de ratificar a importância de suas produções literárias. Seus personagens são aqueles que eram colocados em segundo plano, os pobres da periferia, o malandro, a empregada, os negros dentre outros. Com o deslocamento do olhar para estes textos, autores marginalizados, reproduzem esses personagens assumindo sua voz e sendo as personagens principais da história.

Dalcastagné (2005) esclarece que os marginalizados possuem vozes que por muito tempo não foram enquadradas na literatura tradicional, vistas com certo incômodo por mostrar a realidade rejeitada pela sociedade letrada. Os excluídos deixam de estar no campo da representação, do silêncio e passam a ter voz na narrativa literária, a voz dos excluídos antes suprimida, agora com acesso a oportunidade de vez.

Então, o local de fala garante um apoio para as produções literárias que estão surgindo, o que pode prejudicar diversas obras vindas em áreas marginalizadas. Os locais de fala são na música, por exemplo, hip-hop, o rap e o funk; na pintura, o grafite; na literatura, a produção de interesse desta pesquisa.

Para ressaltar, o escritor Ferréz é morador da favela *Capão Redondo* e um ativista no meio cultural da favela. Comanda o projeto social 1daSul, que tem o pressuposto de incentivar as iniciativas de moradores da periferia. O termo é relacionado a escritores que escreviam sem o consentimento e o apoio de editoras, O sujeito marginal representado nas páginas das obras de Ferréz destaca para o real por trás das páginas. As desigualdades, a pobreza, a violência e o crime.

Observamos no título da obra *Manual Prático do ódio* que nos leva a pensar que se trata de um guia a ser seguido para praticar o ódio. Junto a este título, temos a capa do livro que é uma mão segurando uma arma nas costas. O que nos faz pensar sobre a intenção do autor em trazer este título, a primeira impressão é entender que a violência está presente na narrativa.

O ativista em seu livro *Literatura marginal: talentos da escrita periférica* versa sobre a discriminação por parte da sociedade com as obras de autores da periferia. O autor afirma que “Não somos o retrato, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto” (FÉRREZ, 2005, p. 9). O posicionamento de

fala mudou, os ditos marginalizados tomaram vez para falar de sua representação nas obras culturais.

Corroborando esta ideia, entendemos que o campo de fala pode ser melhor retratado pela própria voz dos marginalizados, uma vez que eles vivenciam este campo literário. Dessa forma, ocorre uma expansão na abertura e uma atenção maior para estes escritores.

Dando continuidade ao projeto de exhibir as produções das pessoas da periferia, Ferréz organizou três edições especiais, que acompanhavam a revista *Caros Amigos*. A Literatura marginal é escrita por aqueles que foram colocados à margem da sociedade. Uma escrita que evidencia as experiências vividas nas periferias pelos autores que apresentam um vocabulário próprio. Os autores exibem uma vida dura dos moradores da comunidade, repleta de desigualdades e de tendência ao crime. Esta entrada no meio literário causou um estremeamento nas estruturas solidificadas da literatura dominante.

Schollhammer (2013) alega que “Na literatura brasileira se percebe uma presença do tema historicamente insistente, e a literatura certamente usa o imaginário despertado pela violência como matéria-prima.” (SCHOLLHAMMER, 2013, p. 103). Assim, a violência é usada para dar um impacto na literatura, trazendo uma sensibilidade ao leitor, ultrapassando o modo de escrever. Apontamos como forma de compreender a maneira como o autor conduz a violência na obra. Abordar a violência na narrativa transmite uma problemática real para os textos literários, acomodando traços da realidade em meio à narrativa.

Como relata Ferréz (2005), “A capoeira não vem mais, agora reagimos com a palavra, porque pouca coisa mudou, principalmente para nós.” (FERRÉZ, 2005, p. 9), a indignação dos marginalizados se encontra nas páginas de seus livros, nas vozes que denunciam a violência aturada por eles, nas letras de música, como por exemplo nos hip hops, funks e nos muros da cidade opressora. Apesar da modernização das cidades, a periferia continuava sendo compelida para áreas de riscos sem nenhum amparo das autoridades.

Partindo desta discussão, podemos trazer as contribuições de Bourdieu (2002) para o texto, gerando um intercâmbio entre uma das temáticas discutidas neste trabalho: a abertura do campo literário e a inserção de

escritores da periferia no meio da literatura consagrada. Em seu livro *As regras da arte* declara:

Assim, está claro que o campo literário e artístico constitui-se como tal na e pela oposição a um mundo “burguês” que jamais afirmara de maneira tão brutal seus valores e sua pretensão de controlar os instrumentos de legitimação, tanto no domínio da arte como no domínio da literatura, e que, por intermédio da imprensa e de seus plumitivos, visa impor uma definição degradada e degradante da produção cultural” (BOURDIEU, 2002, p. 75).

Bourdieu (2002) explica que a burguesia constantemente procura meios de controlar a produção literária, na qual não tem o objetivo de abrir espaço nesse círculo tão disputado pelos escritores antigos e atuais. O bastão da legitimação abrange o novo campo de atuação, os escritores da periferia, caminhar por este espaço ainda movediço mostrou que escritores como, Ferréz e Paulo Lins, entre outros, podem chegar ao inesperado firme campo dos estudos literários.

Dalcastagné (2012) argumenta que a exclusão e a inclusão de manifestações culturais no meio literário, por exemplo, os saraus que ocorrem em algumas favelas brasileiras, são produções culturais que surgiram por causa do impedimento desses poetas de falar sua poesia em espaços consagrados, diante do impacto desses saraus na sociedade central e periférica, houve um surgimento de novos poetas. Um sarau que ganhou destaque foi a Cooperifa – Cooperativa Cultural da Periferia – organizado por Sérgio Vaz desde 2011, incentiva e divulga as poesias de escritores periféricos.

Deste modo, percebemos que, depois de entrar neste espaço, os marginalizados, não pretendem sair ou se deixar ser expulsos pelos ditos da literatura tradicional. Como Ferréz (2005) diz no exemplo a seguir “Vindo com muito mais gente e com o grande prazer de apresentar novos talentos da escrita periférica” (FERRÉZ, 2005. p. 12), esta nova edição traz novos escritores para o cenário da literatura brasileira. Seus enredos têm o sofrimento, o desprezo e o preconceito vivido pelos pobres da cidade.

### 3.2 A revolta nas páginas

Neste tópico abordaremos a literatura marginal e seu cenário citadino, onde suas ramificações estão ocupando vários setores. Os escritores que estão inseridos nesta literatura têm o intuito de escancarar os crimes cometidos nesses espaços periféricos.

Conforme Ferréz (2005)

“Literatura marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, isto é, de grande poder aquisitivo” (FÉRREZ, 2005, p.12)

E enfatizando o que já afirmamos antes uma escrita realizada pelos próprios moradores da periferia tem em suas páginas a legitimidade. Sua escrita reflete a dificuldade do cotidiano e a marginalização imposta pela sociedade que ao longo do crescimento da população deslocou habitantes de renda baixa.

Os autores da Literatura marginal, a cada dia, vêm crescendo e se destacando na sociedade com sua escrita dura e fervorosa, assim como é a realidade perseguida por eles. Com o intuito de confrontar a literatura tradicional ou só por um espaço para exprimir sua voz, eles denunciam suas dificuldades através de suas produções sem a preocupação de passar na língua normativa.

O ativista Ferréz coloca em pauta que “O sonho não seguir o padrão, não é ser o empregado que virou patrão, não, isso não, aqui ninguém quer humilhar, pagar migalhas nem pensar, nós sabemos a dor de percebê-lo” (FERRÉZ, 2005, p. 9). O objetivo é conseguir um espaço e mostrar sua literatura e como se faz na favela, sem propósitos de ser como a literatura dominante e opressora.

Ferréz organizou nas edições da revista Caros Amigos, edições especiais sobre os escritores da Literatura marginal, nos anos 2001, 2002 e 2004. Com o intuito de divulgar as produções dos moradores atuantes desta literatura, em seguida, em 2005, publicou o livro *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*, que contou a publicação de novos autores periféricos.

Essa transgressão mostra-se como o único meio de saírem de seus

lugares determinados pela sociedade letrada. Uma cultura para poucos, da qual grande parte da população da periferia quer usufruir, mas são renegados. Como Ferréz postula “O significado do que colocamos em suas mãos hoje é nada mais do que a realização de um sonho que infelizmente não foi visto por centenas de escritores marginalizados.” (FÉRREZ, 2005, p. 10). O pouco que estão conseguindo com esta pequena fissura no campo está causando um incômodo nos ditos propagadores da cultura.

O pesquisador Eslava (2004) argumenta que a Literatura marginal é uma forma de renunciar os preceitos da classe dominante que considera a classe marginalizada como bárbaros porque é desta classe que surge todo tipo de violência e temos comprovado neste estudo que essas afirmações são falaciosas e o que temos presenciado é o que já dissemos no título deste estudo, ocorre o despertar de um grito silenciado, a classe marginalizada se dando voz à força.

literatura marginal é, fora de toda dúvida, a de abandonar as atitudes tradicionais do homem ilustrado frente aos fenômenos que desajustam sua própria visão e valores, isso que antes, num outro contexto histórico, se expressava em termos de conflito entre civilização e barbárie, para encontrar o que aqui poderia ser definido como princípio de indagação e hermenêutica. (ESLAVA, 2004.p.35)

Um exemplo é a escritora Carolina Maria de Jesus, habitante da antiga favela Canindé, cidade de São Paulo, de escritora marginalizada que causou admiração no meio da grande Literatura por causa de seu livro *Quarto de despejo*, que conta a história de uma mulher catadora de lixo num ambiente miserável, que gerou perturbação com a beleza de suas obras. Muitos intelectuais e até hoje pessoas indagam como uma moradora de favela conseguiu e consegue chamar atenção hoje dos leitores mais críticos.

O crítico Zibordi (2004) afirma que o autor desta corrente literária é uma testemunha das experiências transportadas para o texto, sendo um expectador da árdua sobrevivência nas periferias das grandes cidades. Em vista disso, seu propósito é trazer para as discussões literárias o escritor do texto marginal, uma forma de sobreviver através dos textos, desnudando um vocabulário particular dos moradores das periferias. Como no exemplo dessa linguagem: “–

Vai se fôde, o seu psicológico que é foda mesmo, mas aí o que posso te dá pela ideia?” (FERRÉZ, 2014, p.34) Constatamos que a linguagem coloquial do Nego Duda, no final da conversa com Régis, reflete o prazer de mostrar sua vivência na favela, sem sentir constrangimento pelo lugar.

Conforme Ferréz (2005), “Hoje não somos uma literatura menor, nem nos deixemos tachar assim, somos uma literatura maior, feita por maiorias, numa linguagem maior, pois temos as raízes e a mantemos”. (FÉRREZ, 2005, p 13). O autor demonstra interesse em conseguir um espaço, em que as vozes dos marginalizados possam ser escutadas, sem precisar disfarce ou da voz de algum escritor que não sofra à margem como eles.

Pellegrini em seu artigo *No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje* afirma:

É inegável que a violência, por qualquer ângulo que se olhe, surge como constitutiva da cultura brasileira, como sendo um elemento fundante a partir do qual se organiza a própria ordem social e, como consequência, a experiência criativa e a expressão simbólica, aliás, como acontece com a maior parte das culturas de extração colonial. (PELLEGRINI, 2004, p.16)

Expor a realidade da periferia das cidades, traz-nos a reflexão sobre a incidência destes atos na sociedade e colocar de lado tais situações, contribuiria para o desvio de atenção de assuntos importantes que ocorrem para abordar temas brandos.

Schollhammer (2000) levanta a discussão que os textos literários contemporâneos têm a cidade como cenário para a propagação de histórias, o autor com sua vivência urbana mostra uma compatibilidade com a narrativa por ter experiência na periferia. Apesar de ser um assunto que está diariamente nos veículos de comunicação, a violência, não é um tema que a sociedade tenha interesse em problematizar e ir a fundo. Deslocar a violência para a literatura é algo prejudicial para o equilíbrio da paz literária, visto que a marginalização de moradores da periferia e a violência ocorrida nesses espaços têm que ser escondidas, contribuindo para uma censura.

“a cidade oferece um cenário privilegiado para a procura literária de uma nova expressividade. A experiência urbana se dá simultaneamente como inscrita pela lógica estrutural da cidade como fator de controle dos conflitos sociais e como



expressão visível deste caos que brota e se prolifera à margem da ordem. Este confronto se articula no nível da subjetividade do cidadão, onde se percebem os limites da liberdade de ação que o indivíduo experimenta diante da complexa realidade urbana. Mas também é na relação entre sujeito, como corpo sensível, e a cidade, como realidade estética, que um confronto e uma simbiose novos se concretizam. Na experiência crua frequentemente, penosa do urbano o autor contemporâneo percebe uma redenção possível da cidade enquanto realidade humana. (SCHOLLHAMMER, 2000, p 252)

Na obra corpus desta pesquisa, *Manual prático do ódio*, a favela é o local em que ocorrem os conflitos causados pela violência. Por este lado, os moradores da periferia percebem uma barreira entre o centro e a margem. Fator que corrompe pessoas para o crime como meio mais fácil para ultrapassar esta barreira. Enquanto outros veem a favela como meio de ganhar dinheiro ilícito facilmente através de maracutaias, a exemplo o delegado Mendonça, que busca enriquecer por intermédio do tráfico e dinheiro de assaltos.

Régis não entendeu a piada, nem sua mãe entendeu o que a patroa quis dizer, mas imitou a patroa na risada, a patroa ria que se acabava e a mãe de Régis tentava acompanhar aquela que lhe pagava o salário todo mês, que sustentava sua família, afinal a patroa era tão estudada que deveria estar certa de achar graça em seu filho talvez ser um futuro marginal. (FERRÉZ, 2014, p. 46)

No trecho acima, após a patroa da mãe de Régis inferir que o garoto será no futuro um delinquente por morar na periferia causou revolta que o garoto nunca esqueceu. Com isto verificamos, a revolta do escritor ao abordar este tema e denunciar a discriminação que os personagens sofrem.

Schollhammer (2000) levanta a discussão de que a cidade se torna contexto ideal para escritores que buscam novas histórias com os mais variados personagens. O alvoroço da cidade se manifesta nas periferias, se onde mescla com a sensação de uma linha divisória entre a periferia e a cidade. Na narrativa, corpus desta pesquisa, percebemos uma cidade que empurra para a periferia personagens que não se adequam a seu meio cultural. Por mais que eles estejam confrontando esta imposição, ainda há uma dura tarefa para consegui-la. Percebemos uma intolerância com classes inferiorizadas e suas produções literárias. A literatura é uma das propostas de



intervenção na favela através de saraus, vídeos e slams. São projetos que estão mais próximos da realidade de grande parte da população e estão causando efeito dentro e fora da periferia.

Como constata Schollhammer (2008) que:

Quando estabelecemos uma relação entre a violência e as manifestações culturais e artísticas é para sugerir que a representação da violência manifesta uma tentativa viva na cultura brasileira de interpretar a realidade contemporânea e de se apropriar dela, artisticamente, de maneira mais “real”, com o intuito de intervir nos processos culturais (SCHOLLHAMMER,2008, p.58)

A narração de Ferréz, em *Manual Prático do ódio* nos mostra personagens que vivem na favela e têm que conviver com o desemprego, crime, fome e o preconceito. O espaço, muitas vezes, é propagador para um julgamento antecipado e inferiorizado sobre seus moradores e produção cultural. Com esta prática, os textos são vistos com maus olhos, mas, com a insistência de autores da periferia, esses textos marginalizados, agora estão entrando no meio seleta da Literatura Brasileira.

A obra supracitada conta a história de Régis, um dos protagonistas da narrativa que, junto com Lúcio Fé, Celso Capeta, Aninha, Mágico e Neguinho da mancha na mão tramam um assalto. A história de personagens que desnudam sonhos, amores e medos demonstrando as conspirações da periferia. O bando de criminosos tem o objetivo de assaltar um banco para escapar da pobreza que constantemente aflige os moradores da favela, um assalto que vai render dinheiro e assassinato aos participantes.

Ferréz utiliza-se da difícil realidade das pessoas da comunidade, das mazelas sociais que caracterizam cada personagem e do caminho percorrido por eles. Desnudando aos olhos do leitor as muitas faces da violência, Ferréz mostra uma escrita mais forte, violenta com intenção de contar a miséria, a pobreza e a violência vivida pelas personagens.

Como assegura Schollhammer (2000):

Poder-se-ia afirmar que a tendência brutalista na literatura brasileira se apóia na temática da violência sem nenhuma intenção de legitimar a crua realidade dos submundos urbanos.

Ao contrário, percebemos como esta narrativa, ao representar uma realidade inaceitável do ponto de vista ético e político, abre um diálogo com seu conteúdo desarticulado, permitindo assim, enxergar uma procura de comunicação abafada culturalmente. (Schollhammer, 2000, p. 257)

Constatamos que a Literatura marginal traz à tona sujeitos capazes de produzir literatura. Seu conhecimento é de quem viveu na favela, isso não diminui o texto, mas sim o torna mais objetivo, convocando um novo olhar para a sua leitura. Os espaços representados nessas narrativas contemporâneas pouco valorizadas estão sendo tomados como cenários de vários livros. Um tema já retomado por vários escritores na história da Literatura e, percebemos que se tornou frequente nos textos literários.

Nas narrativas contemporâneas verificamos uma escrita brutal em que o autor de primeira pessoa mostra o real de forma clara para o leitor diferente do autor de terceira pessoa que mantém uma distância. Para o Candido (1987), ocorre um “realismo feroz” nas narrativas, as quais são escritas em primeira pessoa, pois levam o leitor para dentro do realismo no cotidiano da cidade.

Para Schollhammer (2013), a posição da violência nos faz perceber que ela está presente na sociedade a ponto de entrar nas produções culturais contemporâneas. “Nos meios de comunicação de massa a violência encontrou um lugar de destaque, com seu fascínio ambíguo, um misto de atração e rejeição, tornou-se uma mercadoria de valor, explorada em graus mais ou menos problemáticos.” (SCHOLLHAMMER, 2013, p. 42)

O principal caminho abordado nesta pesquisa é a periferia, pois esta propõe-se abordá-la como um espaço propagador da violência nas obras supracitada. Percebemos que ela é um espaço de conflitos e cheio de culturas, um prato cheio para escritores trazê-la para dentro de suas obras literárias.

Candido (2006) afirma que o elemento social é um fator utilizado pelo artista no desenvolvimento da obra, ou seja, um agente dentre outros relevantes para a estruturação da obra. Cenas da realidade representada nos mostram a importância da relação literatura e sociedade na narrativa. O agente social, inicialmente externo, torna-se importante para a obra segundo sua constituição. Os fatores externos passam de externos para internos. Este fator importante nas narrativas contemporâneas é a violência que se transforma como um tornar-se “pano de fundo” para o seu desfecho. (PELEGRINI, 2004.p.

134)

A cidade passou de elemento externo para interno, ou seja, um elemento social dentro da obra. Gomes (1999, p.20) aponta que representar a cidade é “querer alertar sobre sua atual condição, para a qual não há mais uma doutrina coerente para garantir a vida da cidade”, um ambiente que a cada instante cresce e age sobre seus habitantes, mostrando um reflexo de desigualdades.

Ferréz tem o intuito de retratar suas experiências na periferia denunciando suas mazelas e a marginalização destas pessoas. Como afirma a pesquisadora Eliane Silveira em seu artigo *Manual prático do ódio: a ficção de um subalterno* (2003, p.33).

a ficção de Ferréz presta-se ao intuito da literatura marginal de tornar-se a expressão cultural dos subalternos, dotada de uma linguagem própria que proporciona aos seus escritores a possibilidade de representar, exaltar e denunciar a realidade de seu mundo como o faria qualquer autor inserido na tradição letrada. (SILVEIRA, 2003, p.33).

É possível verificar que a Literatura marginal revela a existência de um lugar em que a sociedade tem a intenção de camuflar para não externar as mazelas, a violência e o descaso a que estes moradores são submetidos. Além de Ferréz, esses espaços desvalorizados são vistos nas obras de outros escritores como, Carolina Maria de Jesus, Paulo Lins, Rubem Fonseca e Fernando Bonassi dentre outros.

Dalcastagné (2007) argumenta que o campo literário, por muito tempo, foi tratado como um espaço que restringia a participação de determinados grupos sociais de seu cerne. Os autores desse campo constroem seus personagens conforme são seus espaços de vivência e, ao abordarem-nos, as classes desfavorecidas são colocadas em segundo plano na narrativa.

Os escritores marginalizados propõem uma nova alternativa de produção, seus personagens são homens e mulheres, pobres, negras e entre outras características que os colocam na posição de subalternidade na Alta Literatura. O escritor pode atuar de diversas formas, como adverte o esquema abaixo da professora Dalcastagné (2007, p.19).

(a) incorporar essas representações, reproduzindo-as de maneira acrítica; (b) descrever essas representações, com o intuito de evidenciar seu caráter social, ou seja, de construção; (c) colocar essas representações em choque diante de nossos olhos, exigindo o nosso posicionamento- mostrando que nossa

adesão, ou nossa recusa, que nossa reação diante dessas representações nos implica, uma vez que fala sobre o modo como vemos o mundo, e nos vemos nele, sobre como se dá nossa intervenção na realidade, e as consequências de nossos atos. (DALCASTAGNÉ, 2007, p.19)

Com base no esquema, entende-se que o escritor pode seguir seu próprio caminho literário e quando faz de acordo com a letra “c”, ele transmite de forma laboriosa a realidade de muitos grupos. Percebemos que o escritor que envereda por esse caminho, é um sujeito social ativo. São conscientes e se preocupam com as dificuldades desses marginalizados, debatem questões relacionadas ao contexto social, literatura e educação.

Entendemos que a violência e o espaço são a base para o desenvolvimento da trama, o espaço é disseminador da exclusão social dos moradores da favela. Destacamos que a cidade é um espaço com grande interação entre as pessoas, podendo ser violenta e discriminatória. A globalização trouxe um crescimento urbano e, quem não se adequar, será empurrado para a periferia, jogado para locais de miséria. Consequentemente a cidade contribui para a diversidade, mas também contribui para a desigualdade.

Como em *Manual prático do ódio*, em que Armandinho, participante do assalto ao apartamento, organizado por Celso Capeta, para recuperar o dinheiro do assalto que havia perdido para os policiais ao comprar uma moto, - Agora fudeu, dona, todo mundo é igual, num tem patrão, num tem empregada, e se vacilá, vai tá tudo cheio de sangue em menos de segundos, primeiro a morrer, se tentar algo, é o pivete aí. (FERRÉZ, 2014, p. 198) Nessa passagem, o discurso preconceituoso, de que patrão esta acima dos empregados, que Armandinho conhece, aflora e ele mostra a raiva que sente por tal segregação.

A cidade pode ser considerada um agente que contribui para a ocorrência da violência, dado que suas barreiras se tornam um desafio para seus moradores. Suas barreiras invisíveis mostram até aonde os marginalizados podem chegar e consequentemente a miserabilidade deles é camuflada pelas autoridades.

Assim, o espaço citadino se apresenta para os marginalizados como um lugar de intolerância com difícil acesso, onde o surgimento de qualquer disputa territorial pode chegar a embates mais violentos.

#### 4. O ESPAÇO DISSEMINADOR DA VIOLÊNCIA NA PERIFERIA

O objetivo deste capítulo é analisar o espaço social como disseminador da violência e suas consequências no meio da favela que refletirá na sociedade. O espaço passou a ser estudado com grande evidência no campo acadêmico, a abordagem literária desenrola-se por vários caminhos de pesquisa. Os teóricos usados nesta análise direcionam-se para o espaço social, que se entende como combinação do ser e seus bens.

A obra *A cidade das letras*, de Angel Rama perpassa por toda uma trajetória de construção da cidade das letras para tornar-se o que é hoje. Essa modernização iniciou-se no final do século XIX e começo do século XX, ocorrendo a superioridade da leitura e da escrita nas cidades, portanto a soberania era comandada por quem tinha a autoridade das letras, o centro. Observamos que o meio literário era liderado pela alta literatura, que detinha patrimônio e domínio da língua normativa. O autor aponta para uma revolução na cidade das letras, em que as classes populares estão movimentando-se, verificando-se um impacto nos meios literários e na produção literária.

O estudioso Gaston Bachelard é um grande pesquisador do espaço. Sua investigação direciona para a fenomenologia da imaginação, ou seja, é a manifestação da imagem poética do espaço nas obras literárias. O autor afirma que pequenos espaços da casa, espaços habitados, são considerados espaços felizes aqueles que trazem uma intimidade. Torna-se um abrigo buscado pelo homem para seu refúgio.

No artigo *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*, de Borges Filho, é abordado o espaço na obra literária. Inicialmente o autor informa que abordará no artigo um acréscimo na definição de topoanálise colocado por Osman Lins. O pesquisador estabelece que “Por topoanálise, entendemos mais do que o “estudo psicológico”, pois a topoanálise abarca também todas as outras abordagens sobre o espaço. “(FILHO, 2008, s/p)

O autor cita ainda que o espaço possui funções dentro da narrativa. Compreende a função de distinguir as personagens. De acordo com a situação

do espaço, a personagem pode ter ações pré-determinadas, a título de exemplo temos Nego Duda, que mora com o pai, o irmão mais novo e seu cachorro. O pai está desempregado e se entregou a bebida por não mais conseguir emprego. Cansado e com raiva de vê-los passando fome começou a roubar para levar comida para casa. Esta situação é o esperado para pessoas que não encontram outra forma de conseguir emprego, desperta nelas ódio pelas pessoas. Seu pai sabe de onde Nego Duda está conseguindo dinheiro, mas ignora, já que como chefe da casa, não está fazendo seu papel. O irmãozinho todo alegre diz para os vizinhos que o irmão começou a fazer “fita”, gíria da favela que significa assalto. Ainda criança não sabe as consequências destas “fitas” para a sociedade e periferia.

Outra característica do espaço é a situação favorável para a ocorrência do crime. Citando o caso da morte de Guile.

Neguinho sacou o revólver calmamente e olhou para os lados, nada, ninguém, não tinha na rua nem um cachorro, olhou para o bar do Neco logo em frente e viu que na porta não havia ninguém jogando bilhar, gritou para Guile, que se virou lentamente, Guile tentou sacar a arma que trazia na cintura quando viu que era o Neguinho da Mancha na Mão que gritou para ele, mas não deu tempo, Neguinho efetuou vários disparos e para conferir se aproximou e deu um tiro em cada olho, estava vingada a morte de seu primo Miltinho, pegou a pistola prateada de Guile, se esqueceu de comprar as cervejas e foi para casa todo sorridente, afinal havia ganhado uma pistola novinha. (FERRÉZ, 2014, 26)

No fragmento acima, observamos que Guile morreu por descuido dele, porque na favela os criminosos não podem facilitar, pois nesse espaço os traficantes não confiam em ninguém. Neguinho da Mancha na Mão que tinha ido ao bar para comprar cerveja, porque estava sem dormir, pensando em Eduarda, encontrou uma situação favorável para vingar a morte do primo. Tal ato desencadearia mais mortes na favela.

Outra situação colocada por Borges Filho (2008) ocorre quando o espaço representa os sentimentos vivenciados pelas personagens. “Esses não espaços em que a personagem vive, mas são espaços transitórios, muitas vezes, casuais. “(BORGES FILHO, 2008, p. 2) Nesta circunstância, Régis aparece, andando na chuva, tempo fechado e ninguém fora de suas casas. O criminoso está apreensivo pelo sequestro do filho arquitetado por Modelo e

delegado Mendonça. “Régis continuou descendo a rua, a chuva não o impedia de andar, caía pesadamente, mas mais pesada ainda estava sua cabeça, não conseguia se decidir o que fazer, resolveu parar embaixo de uma cobertura [...] (FERRÉZ,2014, p. 217) O tempo está relacionado ao protagonista que está fechado como tempo.

Acrescentando aos estudos sobre o espaço, significativo para esta pesquisa, vamos pontuar os abordados por Borges Filho. Existem dois tipos de espaços, que podemos observar em *Manual Prático do ódio*, o objetivo e o subjetivo. A espacialização objetiva é mais direta, onde o narrador não participa da narração, diferente da espacialização subjetiva, na qual o narrador participa da história: “[q]uanto mais o narrador ou eu-lírico demonstram seu sentimento em relação ao espaço, mais a espacialização será subjetiva” (BORGES FILHO, 2007, p. 68). Na obra desta pesquisa, a grande ocorrência é a espacialização objetiva.

Continuando a divisão do estudo do espaço em *Manual Prático do ódio*, entendemos que o macroespaço é a cidade. Tudo está dentro de um mesmo espaço, em todo caso, verificamos a presença de microespaço que compõe o macroespaço. Do objeto desta pesquisa, vamos para o conceito de território, a categoria que mais se dá na obra.

Para Borges Filho (2007), território é “o espaço dominado por algum tipo de poder, é o espaço focado do ponto de vista político ou da relação de dominação-apropriação” (BORGES FILHO, 2007, p. 28). Portanto, observamos que, apesar da disputa pelo dinheiro do assalto ao banco, temos a disputa pelo poder na área. Régis tem este poder, mas o espaço era dividido entre outros criminosos donos de boca de fumo; a regra é não andar confiante, pois a qualquer momento pode morrer. Existe uma rivalidade entre Régis e Modelo, porque este está querendo apoderar-se de toda a favela e para isso Modelo tem ajuda da polícia corrupta, que cria qualquer situação para ganhar dinheiro. Aquele que não aceita determinadas atitudes de criminosos da periferia, para Modelo, está extrapolando os limites de vivência na periferia e a qualquer situação ele está matando. Esta rivalidade é sentida por todos os moradores da periferia, que ficam assistindo, a contragosto, ao desenrolar dessa guerra.

Ainda os estudos de Borges Filho (2007) asseguram a existência da fronteira no espaço, podendo ser artificial e natural. A fronteira artificial é



construída artificialmente; a fronteira natural é a vista pela ação da natureza.

Para Foucault (2009), o espaço que tem relevância é o espaço de fora. Na Conferência no Circuito de Estudos Arquitetônicos, com título *Outros espaços* (2009), em 1967, o intelectual aponta o espaço como introdutor do ser humano na sociedade. Nele o homem posiciona-se socialmente, buscando adaptar-se ao espaço em que está.

A época atual seria talvez de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e entrecruza sua trama. (FOUCAULT, 2009, p. 411)

Esta época que os distancia e ao mesmo tempo os une, este espaço de conflitos, habitado pelo homem, é o criticado pelo pesquisador, o homem que está associado a um grupo, a um espaço, a uma cultura com seu posicionamento perante a sociedade. Da mesma forma, na obra *Manual prático do ódio* (2014), o grupo tem um posicionamento próprio sobre a sociedade e com esta ideia eles procuram sair deste espaço periférico, considerado marginalizado, para tornar-se dentro da sociedade intolerante.

Em vista disso, Foucault (2009) afirma que o foco do artigo “É do espaço de fora que gostaria de falar agora” (FOUCAULT, 2009, p. 412) está dividido entre o espaço que queremos e o espaço em que estamos. Sair em busca deste espaço que desejamos, pode acarretar desgaste, solidão, ilusão e violência. Pois não há lugar fixo, assim o sujeito cruza com o limite imposto pelo centro. Limite invisível e visível ao mesmo tempo, visível para os marginalizados, uma linha que impede a entrada de pessoas detestáveis, a todo custo o grupo de assaltantes de *Manual prático do ódio* deseja livrar-se da pobreza que assola a favela, sair do indesejável.

Borges Filho (2008), pesquisador do espaço e sua importância nas narrativas, em seus estudos afirma que existem o *espaço da narração* e o *espaço da narrativa*. Este é o espaço em que acontece a história, aquele é o espaço do narrador. Em algumas obras é possível observar o local onde o narrador está, por exemplo, quando há advérbios de lugar que identificam sua



posição.

A narração será feita sempre em primeira pessoa (aqui) ou em terceira (algures). Dessa maneira, teremos sempre um espaço que diz respeito a essa instância de criação do texto literário, considerado o ponto zero a partir do qual se cria a especialidade da narrativa. (BROGES FILHO, 2008, p. 342)

Existem obras em que o espaço é deduzido, pois não há elementos que o identifiquem, como em *Manual Prático do ódio* que tem um narrador onisciente, ou seja, a história se passa em 3ª pessoa. Este narrador conhece cada personagem e seu interior. O *espaço da narração* e o *espaço da narrativa* apresentam-se em algumas situações, aparecem de forma sutil, explícita ou pode não aparecer. Em algumas circunstâncias, o espaço da narrativa relaciona-se com o espaço da narração ou parcialmente ou não se identificam.

Com o desenvolvimento da pesquisa, o estudioso fez algumas ligações entre o espaço da narrativa e o espaço da narração.

1. Espaço da narrativa coincide com o espaço da narração que aparece sutilmente.
2. Espaço da narrativa coincide parcialmente com o espaço da narração que aparece sutilmente.
3. Espaço da narrativa não coincide com o espaço da narração que aparece sutilmente.
4. Espaço da narrativa coincide com o espaço da narração que aparece explicitamente.
5. Espaço da narrativa coincide parcialmente com espaço da narração que aparece explicitamente
6. Espaço da narrativa não coincide com o espaço da narração que aparece explicitamente.
7. Espaço da narrativa aparece, o espaço da narração não. (BORGES FILHO, 2008, p 342-343)

Percebemos que na obra, *Manual prático do ódio*, o narrador é onisciente e o 7ª item é o mais adequado, uma vez que o espaço da narrativa se revela, mas o espaço da narração, ou seja, o espaço do narrador não aparece. Como na cena abaixo:

Aninha acordou por volta das dez horas da manhã, estava meio enjoada, na noite anterior havia bebido muita cerveja com Régis e Celso Capeta, ficaram a madrugada inteira conversando sobre o assalto a banco que o Mágico estava organizando, para que juntos com Lúcio Fé e o Neguinho da Mancha na Mão pudessem fazer. (FERRÉZ, 2014, p. 115)

Por conseguinte, o espaço da narrativa retratado na obra é a periferia

paulistana. Para Filho (2008), o trecho acima contém muitos detalhes e é uma característica deste tipo de foco narrativo. O pesquisador explica que “Essa omissão reforça o caráter de objetividade que a narrativa em terceira pessoa possui.” (FILHO, 2008, p.346).

Outro pesquisador que se debruça nos estudos sobre o espaço literário é Luiz Alberto Brandão. O autor pontua a importância do espaço nas narrativas, deixando de ser uma simples categoria de análise para “um sistema interpretativo” (BRANDÃO, 2013, p.25) Portanto, analisar o espaço nas obras literárias é considerar a participação de um elemento externo no texto.

Brandão (2001) em sua obra *Sujeito, tempo e espaço ficcionais* explica que o espaço se baseia na relação entre o sujeito e o espaço de que o personagem fará parte. Conforme citação abaixo:

O espaço da personagem em nossa narrativa seria, desse modo, um quadro de posicionamentos relativos, um quadro de coordenadas que erigem a identidade do ser exatamente como identidade relacional: o ser é porque se relaciona, a personagem existe porque ocupa espaço na narrativa. (BRANDÃO, 2001, p. 68)

Há outros elementos que fazem parte da organização da narrativa, são coordenados que, dependendo da posição, podem direcionar o personagem, como por exemplo, o tempo, personagens, qualidades e defeitos. Assim, o espaço da narrativa interliga-se aos elementos que compõem a narrativa e percebendo que há diversas ramificações de sentido. Como argumenta Brandão (2001, p. 82), “o espaço constrói-se a partir do cruzamento de variados planos espaço-temporais experimentados pelo sujeito, apresentando uma dimensão múltipla e um caráter aberto.”

Gomes (1999), levanta a discussão. Após a instabilidade dos anos 70 e 80, houve uma reparação das cidades e sua finalidade. Assim, surge um conjunto de novas culturas, cada uma querendo um espaço nessa atual movimentação cultural. A favela faz parte da cidade e por isso a multiculturalidade que está surgindo das favelas faz parte do aglomerado que se chama cidade.

“veem o espaço da cidade como texto cultural mais significativo para os artistas e produtores de cultura hoje, e apontam para inúmeras possibilidades do imenso laboratório

em que se transformou o espaço da cidade entendida como esfera pública e como arena cultural. “ (GOMES,p.22)

A pesquisadora Flora Sussekind, em seu artigo *Desterritorialização e forma literária: Literatura brasileira contemporânea e experiência urbana*, dialoga com narrativas contemporâneas em que a rotina esteja atrelada à violência. Conforme a estudiosa, as obras de autores marginalizados são exemplos de narrativas com estas características, experiências da rotina, o descaso das autoridades, miséria, crimes são alguns temas abordados por elas.

Deste modo, como o crescimento da criminalização está presente em vários contextos, vários setores, com a Literatura não é diferente, transportou da realidade para suas páginas o aumento da criminalização, desigualdades e preconceitos, atingindo as hierarquias cravadas na sociedade, que antigamente camuflavam este lado da sociedade, tentando descreditar tais produções culturais, e empurrava os pobres para a marginalização. O impacto destas produções na Literatura mostra que há uma produção cultural que agita os pilares concretos dos estudos literários.

Conforme Bourdieu (2013), os indivíduos ocupam e se relacionam com os espaços. Fazer parte do espaço é imprescindível, trocar relações, deste modo o indivíduo tem sua posição determinada pelo espaço que ocupa. Esta ocupação gera conflitos que anteriormente eram abafados pelos dominadores, mas aberto um pequeno espaço no invisível muro que separa a favela do meio, estas divergências não estão mais sendo deixadas de lado. Como veremos na citação abaixo:

Mas o sentimento bom que José Antonio nutria por Régis não era gratuito, se devia ao fato de ele ter matado Adilson, que num dia de chuva havia roubado todo seu pagamento, contrariando assim uma certa lei que a favela tinha de respeito mútuo para os moradores. (FERREZ, 2014, p. 110)

Apesar de José Antonio não estar envolvido no crime, ele apreciou o assassinato de Adilson por Régis. Percebemos que o espaço da favela mudou o pensamento de José Antonio até determinado ponto, assim seu pensamento pode mudar constantemente conforme a situação em que se envolva. O grupo

de criminosos busca dinheiro fora da favela para não quebrarem a lei da favela de que assaltos somente exteriormente.

Outro acontecimento que faz com que José Antonio rompa com sua honestidade é o momento em que Dinoitinha se aproxima, diz que o pai morreu. O José Antonio sensibilizou-se com o pesar do garoto que entrou na igreja e pegou as cédulas que estavam dentro da caixa do dízimo e entregou ao garoto para ajudar no enterro do pai.

O espaço físico é o local que a pessoa ocupa, ou seja, a superfície; o *espaço social* é a relação do ser humano com o *espaço físico*. Desta forma o *espaço físico apropriado* é a ligação determinada das pessoas como o espaço estipulado para elas.

Como o espaço físico é definido pela exterioridade recíproca das partes, o espaço social é definido pela exclusão mútua (ou distinção) das posições que o constituem, isto é, como estrutura de justaposição de posições sociais. (BOURDIEU, 2013, p. 133).

A composição do espaço social é manifestada no espaço físico através de distribuições das pessoas, definindo a posição social e causando a inclusão ou exclusão as mesmas. O lugar está em ligação com o poder, deste modo as pessoas que não têm poder são empurradas para espaço poucos valorizados pela sociedade, ou seja, a margem. Para que os indivíduos mudem de espaço, é preciso que ocorra uma “deportação das pessoas” (BOURDIEU, 2013, p. 134), sendo algo demorado.

A distribuição do espaço é marcada conforme a distribuição do espaço social, há um conjunto de pequenos espaços divididos em conformidade com propriedades valorativas. Assim, cada um tem um valor que compete aos indivíduos que o habitam o espaço no caso, o seu espaço social de uma favela é constituído de indivíduos marginalizados, sem propriedades ricas, com desigualdades sociais, violência e preconceito.

[...] antes de chegar à rua do parceiro, pega o celular e começa a digitar o número, Mágico atende, Régis diz que está indo para sua casa e pede para deixar a garagem aberta. O lugar é bonito, Morumbi Sul não é pra qualquer um morar, ainda mais em casa, um apartamento até que dá, mas casa é só para quem tem, Régis sabe disso e sempre que chega à casa do parceiro cresce os olhos, queria ter aquilo [...] (FERRÉZ, 2014,

128)

Para Régis, o local que Mágico ocupa é privilegiado, mostrando que ele tem dinheiro e posição social. Como aponta Bourdieu (2013), “o lugar e o local ocupados por um agente no espaço físico apropriado constituem excelentes indicadores de sua posição no espaço social” (BOURDIEU, 2013, p. 134). Sua posição no espaço físico apropriado refletirá no espaço social. As hierarquias que regem uma estrutura na sociedade direcionam o contexto hostilizado pelo centro. O espaço está dividido em centro e periferia, esta é composta por pessoas que foram excluídas pelo centro porque não detêm propriedades. Este deslocamento está camuflado pela ideia natural propagada na sociedade de desvalorização de indivíduos que não têm riqueza.

Percebemos que no espaço há disputa pelo poder através da violência, acontecendo de diversas formas, por exemplo, a física, a simbólica, a psicológica, dentre outras. A violência física é a mais comum nos espaços da periferia. Quem tem poder é o chefe do crime. Este poder é dado pelo agravamento da violência nesses espaços.

De acordo com Bourdieu (2013), a permissão só é autorizada para pessoas importantes, pessoas privilegiadas, ou seja, indivíduos que têm capital e podem ter suas aquisições.

O capital permite manter a distância pessoas e coisas indesejáveis e, ao mesmo tempo, aproximar-se das pessoas e coisas desejáveis, minimizando assim o dispêndio (notadamente de tempo) necessário para delas se apropriar. (BOURDIEU, 2013. p. 137)

Para o grupo de assaltantes da obra *Manual prático do ódio*, a posição no espaço é o que faz buscar, no crime, a transformação de vida. O sentimento de desprezo, uma busca pela ascensão no espaço culmina com assassinatos, roubos, trapaças e vingança como única forma de sobreviver indesejável. O espaço físico devidamente subjugado pelo espaço social acarreta uma má distribuição do lugar. Esta relação afeta o espaço físico, desenvolvendo o crescimento de classes desfavorecidas em favelas e o aumento da classe dominante. É perceptível a disposição do espaço, a hierarquia formada, ou seja, de exclusão e acesso. Este refere-se à classe dominante e aquele aos

pobres.

A falta de dinheiro e bens favorece a permanência de indivíduos permaneçam nos espaços odiados, dessa maneira contribuindo para uma crise, na qual eles saem em busca de outras formas para desvencilharem-se do espaço marginalizado. O capital social se dá através do status, o poder que a pessoa adquire por meio do capital cultural. A determinados espaços, os marginalizados não têm acesso. Espaços que a margem participa são desclassificados pela sociedade.

De acordo com Brandão (2007), existem quatro abordagens do espaço na literatura: “representação de espaço como forma de estruturação textual; espaço como focalização e espaço da linguagem” (BRANDÃO, 2007, p. 208). A abordagem da Literatura quanto à representação do espaço, procura entender uma “instância extratextual” (BRANDÃO, 2007, p. 214). Como o espaço social pode ser reorganizado na obra, a cidade passa a ser um espaço de importância na narrativa contemporânea.

Conforme Gomes (1999), a cidade é um elemento notável nas obras contemporâneas e adversidades. Transformou-se num espaço de violência, problemas causados pela deterioração do lugar e das convicções das pessoas que fazem parte. Assim, a violência se propaga com maior facilidade nesses espaços hostilizados. Vejamos o trecho abaixo:

Mas o cheiro de pólvora ainda não tinha sido suficiente por uma noite de sábado, afinal a noite estava linda e certamente levaria mais alguém para o outro lado da vida, não passou alguns segundos e Nego Duda sentiu suas costas queimarem, olhou pra trás e duvidou de tamanha maldade, era Régis que estava com o cano do revólver enfumaçando [...] (FERRÉZ, 2014, p. 53)

Observamos o assassinato de Nego Duda quando ele termina de matar o sujeito que queria contratá-lo para matar outra pessoa. Participar deste meio traz instabilidade e situações como esta, mostrada acima, ser assassinado pelo astuto Régis que, apesar de ter dado instruções a Nego Duda do modo como proceder, na situação o mata para ficar com o dinheiro.

Ainda com o pesquisador, o escritor traz para o texto a representação de seu espaço, suas revoltas e resistência. O espaço social é marcado por exclusão, crimes e ódio. Um lugar que está repleto de desordem social, ou seja, as pessoas não estão aceitando a imposição da sociedade dominante.

A cidade escrita é, então, resultado da leitura, construção do sujeito que a lê, enquanto espaço físico e mito cultural, pensando-a como condensação simbólica e material e cenário de mudança, em busca de significação. Escrever, portanto, a cidade é também lê-la, mesmo que ela se mostre ilegível à primeira vista; é engendrar uma forma para essa realidade sempre móvel. (GOMES, s/a, p. 24)

O espaço torna-se agressivo e abominável, do qual, para fugir, os delinquentes recorrem ao crime, revelar os sentidos e as mais variadas vozes que nele existem.

Antonio Candido (2010) em seu livro *Discurso e a cidade* afirma que os aspectos não literários da obra, ou seja, aspectos externos são levados para a obra para se tornarem parte essencial dela. Inicialmente Candido tem a preocupação de abordar esses elementos como uma das principais fontes para a escrita da obra. Para exemplificar melhor, ele afirma que:

[...] a capacidade que os textos possuem de convencer depende mais da sua organização própria que da referência ao mundo exterior, pois este só ganha vida na obra literária se for reordenado pela fatura. Os textos [...] tanto os realistas como os não-realistas suscitam no leitor uma impressão de verdade, porque antes de serem ou não verossímeis, são articulados de maneira coerente". (CANDIDO,2010, p.43)

Candido (2010) pontua que os textos literários se estruturam com o objetivo de envolver os leitores com a narrativa. Os pobres, sujeitos marginalizados, estão fazendo parte cada vez mais das narrativas contemporâneas, sendo protagonistas da obra. Pessoas que estão na classe menos favorecida da sociedade, não usufruem de boas condições, não conseguem bons empregos. Moram em espaços sem saneamento básico, sem hospital de qualidade, educação e alimentação. Esses fatores caracterizam uma parcela da população, a mais fragilizada e discriminada, os moradores da periferia.

Na obra *Os pobres na literatura brasileira*, Schwarz (1983) destaca que a realidade da sociedade é representada na literatura dos escritores como um ingrediente para a produção da obra. Como percebe-se no trecho a seguir "basta não confundir poesia e obra de ciência, e não ser pedante, para dar-se



conta do óbvio: que poetas sabem muito sobre muita coisa, inclusive, por exemplo, sobre a pobreza” (SCHWARZ, 1983, p. 7).

Brandão (2013) em seu livro *Teorias do Espaço Literário* afirma que a periferia, conhecida como “fora” (BRANDÃO, 2013, p.40), está deixando de ser a periferia marginalizada para tornar-se um centro de cultura, uma vez que a cidade é um lugar de multiculturas. O autor afirma que “Na noção de periferia (que remonta à longa tradição, na história da humanidade, do gesto colonizador, o qual inclui os mais diversos métodos de espoliação) está imbricada a dimensão da distância.” (BRANDÃO, 2013, p.40) A ideia de periferia esteve atrelada por muito tempo à colonização e afastamento das pessoas que não estavam adequadas, conforme a classe dominante, para viver no centro.

O espaço social é visto como um disseminador de atuações, no qual podem ocorrer situações, violência social. Muitos trabalhos apresentam a perspectiva do espaço associado à violência. É investigado por diversas áreas do conhecimento, identificando sua ocorrência em outros temas, uma “vocação transdisciplinar” (BRANDÃO, 2007, p 207).

Conforme Brandão (2007) “Espaço é sinônimo de simultaneidade, e é por meio desta que se atinge a totalidade da obra” (BRANDÃO, 2007.p.210). Os segmentos espaciais que compõem a obra estão unidos entre si, e possuem sua autenticidade dentro dela, seus caminhos se cruzam para a integralidade da mesma. Desta forma, *Manual Prático do ódio* é um exemplo de uma obra multifacetada, com personagens que estão atrelados à favela com objetivo de ganhar dinheiro e sobrevivência no espaço social da cidade. A cidade os proporciona a elas este caminho-meio através de um roubo que os tirará da vida marginal. A cidade tenta de diversas maneiras aumentar a distância entre a periferia, mas esta está rompendo as barreiras que foram colocadas.

Para o filósofo Lefebvre (2004)

A cidade sofreu um processo de implosão-explosão, cresceu e se concentrou, mas ao mesmo tempo se dispersou em suas periferias, seus bairros cada vez mais distanciados. Ocorre o mesmo com o espaço nacional: “implode”, se divide em regiões e explode, quer dizer, se mescla com outros espaços nacionais em uma interferência concreta”. (LEFEBVRE, 2004, p. 36)



A explosão na cidade contribuiu para o aglomerado de pessoas nas favelas. As transformações que acontecem na cidade refletem também no espaço da favela, contribuindo para a inexistência de sua identidade. A periferia com afirmação de sua identidade, tende a trazer para a cidade esta individualidade através de suas obras. O espaço urbano passou a ser visto como um local de intenções, o qual a periferia o vê como local de trabalho, os criminosos como local para a realização de seus crimes. Ou como uma fuga da favela, um novo caminho. Como é visto em Manual prático do ódio com o personagem Régis e o seu desejo em sair do espaço e comprar uma fazenda para administrar e residir. Da mesma forma como explica Dalcastagné (2012), ao afirmar que a cidade não provoca o encaixe entre pessoas, mas uma segregação no espaço urbano. Gomes (1999) levanta a discussão de que a cidade, possui vários centros, ou seja, vários polos culturais:

Certamente, não se pergunta mais que é o específico da cultura urbana, pois se há mais de uma cidade na cidade, há uma complexidade multicultural, que antes não se considerava de maneira forte, uma vez que a preocupação era a construção de uma unidade nacional. (GOMES, 1999 p. 22)

A periferia tornou-se um lugar de diversas culturas, posto que a classe dominante se esforça para impedir que os moradores da favela participem da cultura nacional. Com as modificações no espaço urbano e o afastamento dos marginalizados para a periferia, a sociedade tenta impor uma cultura que deve ser seguida para serem aceitos no centro da cultura, mas os marginalizados que não estão mais obedecendo a esta imposição, querem gritar e mostrar que a periferia também tem cultura, todo o espaço da cidade transforma-se em um ambiente multicultural.

Para Gomes (1999, p 22) “essa cidade da multidão, que tem a rua como traço forte de sua cultura, passa a ser não só cenário, mas a grande personagem de muitas narrativas, ou a presença encorpada em muitos poemas”. Então, percebemos que a cidade é um personagem que age sobre outros personagens, podendo agir para a degradação ou levantamento. Esta influência da cidade pode ser observada em produções contemporâneas que têm a cidade e suas adjacências, ou seja, a favela como parte importante da

obra.

A desmedida do espaço afeta as relações com o humano. Os condicionamentos sociais, políticos, econômicos e culturais historicizam esse fenômeno urbano. Assim, sob o signo da mudança identificado ao progresso e atrelado ao novo, alteram-se não só o perfil e a ecologia urbanos, mas também o conjunto de experiências de seus habitantes. Essa cidade da multidão, que tem a rua como traço forte de sua cultura, passa a ser não só cenário, mas a grande personagem de muitas narrativas, ou a presença encorpada em muitos poemas. (GOMES, 2000, p. 23)

No trecho acima, Gomes (2000) afirma que a mudança na cidade atinge as percepções das pessoas que continuamente interagem com o espaço, pois desestruturam suas relações com o meio. Da mesma forma, são os autores que colocam a cidade como uma escrita, transpondo para a obra a cidade e seus conflitos e sua inter-relação com os sujeitos. Ferréz transporta a cidade, a favela para suas obras e articula sua relação da forma como percebemos o vínculo do espaço urbano com os personagens marginalizados do autor. O autor afirma que a cidade é um espaço de formação de identidades. A interação que ocorre entre o indivíduo e o espaço deixa marcas que o moldam. Como é o caso de Régis, sua interação com o meio urbano através da patroa de sua mãe, deixou uma marca que depois de adulto o criminoso ainda lembra de forma rancorosa.

Esta interação com o centro e a discriminação que o jovem sofreu durante a infância, contribuiu para o adulto em que ele transformou-se. A organização espacial, onde a cidade esta inserida é separada por uma linha tênue da favela e é criticada por pessoas que pretendem ultrapassar e percorrer de forma livre o espaço da cidade.

Segundo a pesquisadora Tania Pellegrini (2008), os autores destas narrativas têm a intenção de gerar uma perturbação nos leitores, a fim de eles perceberem a sociedade que muitos escondem “Não se deseja emocionar ou suscitar a contemplação, mas causar choque no leitor e excitar a argúcia do crítico, por meio de textos que penetram com vigor, mas não se deixam avaliar com facilidade” (PELLEGRINI, 2008, p. 52). O choque vem através dos temas abordados por esta nova produção literária, a violência, os espaços marginalizados se fazem presentes em grande parte das obras.

Esta autora esclarece que existe uma preocupação por parte dos escritores em abordar nas narrativas a violência nos mais diversos âmbitos. Ela ganha lugar de destaque no espaço citadino. A cidade é um meio condutor para a propagação das injustiças sociais e desempregos, em razão da segregação que os menos favorecidos sofrem.

Conforme Schollhammer (2013):

O esforço de incluir a realidade na escrita não deve ser confundido com documentarismo; pelo contrário, não se trata de levar a realidade à literatura, senão de levar a poesia à vida, reencantá-la, comprometer a escrita com o desafio do índice e fazer dela um meio de intervenção sobre aquilo que encena ficcionalmente (Schollhammer, 2013, p.178).

Nesse sentido, trazer a cidade e seus conflitos para a obra, mostra para os leitores que a literatura não está distante da vida real. Manifesta-se um interesse nos escritores marginalizados de retratar sua vivência e tirar da escuridão os desgostos sofridos na favela. Nas obras encontramos um enfrentamento entre a marginalização dos personagens e a revolta contra a sociedade preconceituosa.

Este espaço social é marcado por exclusão, crimes e ódio. *Manual prático do ódio* apresenta escancaradamente a violência sem o leve romantismo de *Capão pecado* do mesmo autor. As consequências extremas que a ganância e a corrupção podem levar ao sujeito, como é o caso Modelo que, por cobiça, pelo dinheiro dos assaltantes, trama um plano com o delegado Mendonça para conseguir a parte de todos e dividir com o delegado.

Ainda com o pesquisador, a cidade é disciplinadora e o homem é o que causa a desordem em seu espaço, trazendo para as obras essa desorganização, quando os marginalizados bagunçam através da violência o espaço organizado pela sociedade. Essa sistematização é uma barreira entre a periferia e o centro.

A prosa de Ferréz descortina um escritor que por meio da Literatura apontou sua indignação com a miséria da favela. A violência praticada pelos criminosos, pelos marginais da favela reflete toda a discriminação racial e espacial sofrida pelos moradores da favela que sem perceber. Conforme Paiva (2013), a fronteira é uma ótica importante na obra supracitada em que o

pesquisador se debruçou:

aspecto de importância, que é a questão da fronteira. Esta, como se viu, é delimitada tanto por elementos naturais como humanos, sendo a presença dos policiais vista como uma força de confinamento. Esta fronteira molda comportamentos e é a materialização da dualidade que se destacou como primeiro aspecto. (PAIVA 2013, p.187)

Constatamos que o espaço de atuação da obra é importante para a interação entre os personagens. O lugar da fala passou a ser visto com outro olhar pelos autores atuais. Os personagens sentem uma fronteira invisível consistente entre a cidade e a favela, onde que os marginalizados se deparam contribuindo para o crescimento da violência. Este espaço detém uma relação importante com personagens, sua interação reflete a percepção da pesquisadora. A organização do espaço afeta a todos que o circulam e faz dele um espaço de conflitos. As transformações que acontecem na cidade refletem também no espaço da favela, contribuindo para o afastamento dos marginalizados que buscam outros meios para sobreviver.

Assim, há uma relação de troca entre toda a cidade e suas adjacências, no caso, a periferia, a cidade sendo vista como um objeto a ser adquirido, os marginalizados.

Celso acordou cedo naquela manhã de quinta-feira, decidiu agir, foi para o centro da cidade fez duas saidinhas de bancos, em uma esperou um senhor de idade sacar o dinheiro e o seguiu, depois o empurrou enfiando a mão em seu bolso e pegando o pacote de dinheiro, na outra foi mais fácil ainda, a bolsa da mulher não deu trabalho nenhum em ser puxada. (FERRÉZ, 2014, p.100)

A personagem Celso Capeta sabia da dificuldade em viver na favela, seu espaço marginalizado não abria espaço para ele conseguir um emprego e decidiu começar a assaltar pessoas no centro da cidade. Com o passar do tempo, desperta o interesse em roubar lojas grandes para sobreviver às atribulações da vida.

No capítulo seguinte iniciaremos a análise da narrativa *Manual prático do ódio*, de Ferréz, confrontando com a teoria exposta nesta pesquisa. Assim, compreendemos a influência do espaço nas ações das personagens. Para tanto, a análise da pesquisa será subsidiada por Brandão (), Dalcastagné

(2012), Foucault (2009), Bourdieu (), Schollhammer (2000), Gomes (), Merleau-Ponty (), Borges Filho (2007).

## 5. ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA SOCIAL E *MANUAL PRÁTICO DO ÓDIO*, DE FÉRREZ

### 5.1 Desesperança na periferia

Diversos espaços sociais já foram representados nas narrativas brasileiras como foco de violência urbana, como por exemplo, as fazendas, mercados, centros, casas comerciais e favelas, foco desta pesquisa, na qual escritores têm se debruçado com mais frequências. A favela é um bairro de periferia, espaços narrativos da obra, possuem várias faces que comprovam o direcionamento dos personagens para o crime e a culminância na morte.

*Manual prático do ódio (2014)* narra a história de personagens que vivem na periferia de São Paulo, especificamente Celso Capeta, Lúcio Fé, Aninha, Régis, Neguinho da Mancha na Mão e Mágico. O grupo tem a intenção de realizar um assalto para conseguirem mudar de vida. O espaço da favela é dominado por intolerância, preconceito, traição e vingança. Ferréz mostra ao seu leitor os mais diversos de caminhos que a violência pode chegar através de um espaço marginalizado.

Com o intuito de ver seus leitores da periferia se identificando com suas obras, Ferréz usa uma linguagem coloquial. - Aqui, senhor, olha o que eu achei. -Xeu vê. (FEERÉZ, 2014, p.) Esta passagem, é um dialogo entre dois policiais que estão revistando o carro de Régis. O leitor adentra o espaço periférico através da narrativa, como também pela linguagem. Por diversas vezes, as personagens chamam de Jão, que vem de Manejão, que surgiu de Mané.

Régis tinha pretensões de sair da favela e do crime, ter um sítio ou mercado para responsabilizar-se por sua família, mas no início precisa acumular dinheiro para sair de vez da vida do crime. Fazer amizade com Lúcio Fé, Neguinho da Mancha na Mão, Aninha, Celso Capeta e Mágico foi intencional. Como as amizades no ambiente do crime, “se não colasse com eles, bateriam de frente e em vez de dividir era melhor somar” (Ferréz, 2014, p. 14), não são verdadeiras, sempre há um interesse em enganar o outro.

Cabe mencionar que, por mais, que Régis seja um canalha, por ter matado a antiga companheira, por temer que ela o delatasse aos policiais, ele sente sua falta, a única mulher com quem ele compartilhava tudo, bebidas, drogas e dinheiro. Mas esta atitude infame nos mostra uma personalidade fria e

calculista. Para Régis, a favela é um espaço sem amizades e de sentença de morte.

Celso Capeta cresceu na favela. Sentia uma vontade de explorar tudo, era curioso, mas não permanecia muito tempo numa escola. Estava na sexta série quando foi expulso e não desejou mais o ambiente escolar. É adorado pela mãe de Inácio, Dona Gertrudes. Inácio sempre o aconselhava nos momentos em que Celso Capeta agia de forma precipitada, como assaltar as mercearias perto de casa e, como vingança, os donos mandaram perseguir Celso até a morte. Mas Inácio o ajudou a resolver a situação, fazendo Celso devolver o dinheiro para que não sofresse retaliação depois. Os dois eram irmãos no crime, um ajudava o outro. À vista disso, no mundo do crime da favela, existe uma lei que os assaltantes devem seguir: não assaltar as pessoas da favela, porque estariam causando pavor entre os próprios marginalizados.

Nas andanças com Inácio entrou em acordo com a família e, com pouco mais de consciência, Celso Capeta agora era um malandro respeitado na quebrada. Nem a morte do grande amigo o desviou do caminho que aprendera, agora a sorte estava lançada, e a amizade com Régis, Aninha, Mágico e Neguinho da Mancha na Mão lhe trazia uma nova experiência de vida, um novo rumo. (FERRÉZ, 2014, p. 17)

Notamos que a favela endurece os sentimentos de certos personagens, como é o caso de Celso Capeta que, apesar de seu amigo ter morrido, não saiu do mundo do crime, porque já estava acostumado. Seu amigo Inácio foi assassinado por comparsas que participavam do mesmo assalto. Para honrar a morte do amigo, Celso matou dois, faltava um, mas este fugiu com medo de ser o próximo.

A mulher do grupo de assaltantes é Ana Cirô Gomes Lopes, Aninha, que nasceu em Várzea do Poço na Bahia. Filha única de Firmina e Francisco sua mãe faleceu no parto do seu irmãozinho mais novo, que também faleceu três dias depois. Aninha teve uma adolescência difícil com seu pai alcoólatra. Começou a brigar na vizinhança, a vender objetos de casa porque a roça não supria as suas necessidades básicas. O que motivou a sua saída de Várzea do Poço foi seu pai bêbado querer molestá-la à noite.

Mudar de espaço trouxe diferentes experiências para Aninha, que conheceu as drogas, a violência e o crime.

Ana em Várzea do Poço não tinha colocado nem um cigarro na boca, assim que chegou a primeira coisa que aprendeu, alguns meses depois estava deschavando um cigarro de maconha como ninguém, e após um ano, Aninha, como era seu apelido agora, já sabia montar e desmontar uma pistola de olhos fechados. (FERRÉZ, 2014, p. 21)

Ingressar no espaço da favela nos desloca para caminhos antes não vivenciados, como foi o caso da Aninha, que não havia experimentado o álcool e muito menos as drogas, agora está vivenciando e participando do mundo do crime que envolve a periferia. Conforme Brandão () a estruturação do espaço correlaciona-se também ao da personagem, além do tempo. Aninha adaptou-se rápido à favela, o que proporcionou a sua entrada no grupo para planejarem o assalto ao banco. A adaptação foi um meio de sobrevivência na periferia.

Morar na favela faz a cidade ser somente um sonho entre os moradores da periferia que a almejam. De acordo com Dalcastagné (2012), a cidade é um espaço conflituoso para seus habitantes. Muitos têm a mudança de espaço como crescimento na vida, por exemplo a saída do espaço da periferia para o espaço da cidade é uma necessidade de alguns dos personagens de *Manual prático do ódio (2014)* para manter distância deste meio marginalizado.

Outro personagem que entrou para a vida criminosa foi Nego Duda. Morador da favela com seu pai, seu irmão e seu cachorro, seu pai era desempregado e bebia exageradamente para se manter fora da realidade árdua. Nego Duda não demorava muito num lugar, pois os empresários não tinham interesse em assinar a carteira de todos os trabalhadores, a dele era uma. Apesar de ganhar pouco, ele conseguia comprar o básico para seu pai e seu irmão sobreviver. Desempregado, Nego Duda não encontrou outro emprego e sua única saída foi começar a fazer assaltos fora da favela.

Na favela, assaltar tem o nome de fazer fita, com o objetivo de amenizar o peso que a palavra tem. “O pai só fazia rezar quando o filho saía de casa, agora ele já sabia que Nego Duda ia fazer alguma fita, o irmãozinho comentava com os vizinhos “Tem cumida lá sim, meu irmão fez uma fitinha e trouxe. “(FERRÉZ, 2014, p. 42) Independente de Nego Duda estar acabando com a



fome da família, trazendo dinheiro para dentro de casa, os moradores não deixavam de comentar o surgimento repentino de dinheiro na casa de Nego, criando histórias sobre assaltos mirabolantes.

Ferréz apresenta um espaço marginalizado de pessoas sem trabalho, outras sem perspectiva de mudanças de vida, vendo como único meio transformador os assaltos. Como veremos na citação” Nego Duda pichou na parede de sua casa numa bela manhã de sábado. “É hora de me vingar, a fome virou ódio e alguém tem que chorar”” (FERRÉZ, 2014, p. 43) Este sentimento de revolta permanece em Nego Duda que entra no universo da pistolagem.

O espaço participa deste ato de rebeldia no momento em que o pistoleiro não consegue emprego fixo, ele vê o assalto como única forma de ter alimento para sua família. Por causa do alcoolismo do pai e o desemprego dos dois homens da casa, Nego Duda tentou cometer o suicídio como forma de sair da agonia em que estava vivendo. O espaço que queremos, como argumenta Foucault (2009), é um lugar mais ameno em que seus desejos sejam saciados sem a miséria que a favela traz, mas para os marginalizados, está fora de alcance.

A personagem Régis, por exemplo, é um exemplo da influência que o espaço social exerce sobre o indivíduo, como é possível verificar na citação abaixo:

A patroa da mãe de Régis lhe disse uma coisa que ficou com ele todo esse tempo. E ele guarda como começo de sua revolta, como o começo de todo o ódio que nutria por quem tinha o que ele sempre quis ter: dinheiro. Um dia, durante uma conversa entre a patroa e sua mãe, a patroa perguntou de que bairro eles eram, sua mãe disse o nome do bairro, a patroa passou a mão na cabeça do pequeno e disse: - Então é esse pivete que um dia vai crescer e vir roubar minha casa? (FÉRREZ, 2014, p.46)

Esses episódios vivenciados pelo garoto vão determinando seu caráter. O menino tem um sonho, ser rico para, não repetir as situações, e é com o crime que ele vê uma forma de sobrevivência. O espaço à obra de Ferréz é ocupado por outros personagens que dão legitimidade à ideia de que o espaço culmina em um encaminhamento para o crime propagado na obra. Outro personagem que sofre por não conseguir trabalho é o Nego Duda. Vendo seu

pai, seu irmão pequeno e seu cachorro com fome, saiu e voltou dias depois com dinheiro e uma sacola de pão, da qual ele deixa uma parte com o cachorro e outra com seu pai. Com toda a raiva do sistema por não conseguir emprego, ele picha o muro de sua casa. Demonstrando a sua aversão a sua situação, a sua marginalidade. A violência física, violência moral e psicológica são desenvolvidas durante toda a trama pelo narrador através dos personagens, com o intuito de abrandar a situação dos crimes dos personagens.

O meio da favela é também cheio de falsas amizades, Régis é um exemplo da deslealdade. Nego Duda pede ajuda quanto a um crime e como deve proceder. Um homem veio ao Nego Duda pedindo que ele matasse um cara, mas sem saber como fazer, porque não queria matar, só aceitou porque o dinheiro era bom, e foi falar com Régis. O conselho dado ao Nego Duda foi de que ele aceitasse o trabalho, cobrasse mais e matasse o solicitador do crime. No dia marcado com o contratante Nego Duda recebeu o dinheiro todo e logo em seguida ele matou o rapaz. Quando estava saindo do local, deixando o cadáver, Régis apareceu e o matou.

Seu negócio era mesmo o dinheiro, ver o tombo de alguém morrer se isso lhe rendesse um qualquer, lembrava de todas as quedas das pessoas que tinha matado, muitos ele nem lembrava o rosto, mas os tombos ele guardava todos em sua memória, uns levantavam poeira, outros caíam secos, e o barulho ele achava bom. (FÉRREZ, 2004, p15).

O espaço é rodeado de interesses e o dinheiro tem mais valor que a amizade. Esta cena aponta que a favela também é um lugar de trapaiças, uma selva, onde sobrevive o mais forte, o mais rápido que apesar de compartilharem da mesma situação, não são amigos.

As transformações que acontecem na periferia refletem o espaço da cidade através do maior número de assaltos, maior fornecimento de drogas e corrupção, como veremos na obra, na polícia, contribuindo para a precariedade social dos moradores. Assim como a cidade tem seu próprio ordenamento, a periferia também. Para que os criminosos se saíssem bem de alguma abordagem com os policiais eles teriam que dar algo, Régis foi abordado quando estava atendendo uma ligação.

Régis viu um farol iluminado sua cara, não conseguia mais manter os olhos abertos e interrompeu a ligação, não chegou nem a guardar o celular e recebeu uma ordem para ficar com as mãos para cima, ele notou que era a Polícia Militar, fez uma cara amarga pois sabia que os PMs aceitavam qualquer mixaria, mas ele não tinha nem pra barganhar, o policial o fez virar de costas, abriu suas pernas bruscamente. Colocou as mãos de Régis em sua cabeça [...] (FERRÉZ, 2014, p. 56)

O carro foi revirado, os policiais estavam à procura de armas, somente uma lista de telefones relacionada ao tráfico foi encontrada, mas deixou Régis apreensivo caso fossem fazer ligações. O criminoso trocou o carro Golf pela lista telefônica para que não prejudicasse todo o esquema do tráfico. Para Régis ir de encontro com os policiais não é adequado, então ele gostava de ter algo para trocar desta vez perdeu o carro e depois teria que entregar a documentação.

Como vimos, Bourdieu () declara que o espaço social é o encadeamento do espaço físico com os personagens, em *Manual prático do ódio* este encadeamento é visto na rivalidade de Modelo com o grupo de Régis. Neguinho da Mancha na Mão matou Guile, que era amigo de Modelo, deixando este com ódio e suscitando para o assassinato de Auxiliadora, que era tia de Neguinho da Mancha na Mão e Mazinho. Este emaranhado de situações foi provocado por pessoas que queriam o dinheiro do assalto ao banco. O espaço físico é disputado pelos traficantes para controlar a movimentação das drogas na favela. Os habitantes da favela são obrigados a conviver com o crime no seu dia a dia.

Numa narrativa fragmentada conhecemos a história de Lúcio Fé, que possui um currículo de crimes que coloca medo nos moradores. Como vemos no exemplo a seguir.

Já tinha um passado com alto índice de periculosidade, foi a cilada que ele armou pra cinco caras de uma vez no bar do Neco que lhe deu fama, os caras estavam rondando a vizinhança já fazia umas duas semanas e Lúcio Fé desconfiou que vieram pra fazer ele, confirmou a suspeita alguns dias depois [...] (FERRÉZ,2014,28)

Para matar os homens que estavam procurando por ele por causa do roubo de uma moto, Lúcio Fé chamou Aninha, Celso Capeta e Régis. Arranjou uma cadeira de rodas com o Jeferson, para fingir ser deficiente e pediu que seu

amigo Mazinho avisasse que tinha um informante, na cadeira de rodas, sobre o assalto no bar do Neco. Os homens seguiram para lá e quando foram falar com Lúcio Fé este não conversou e a chacina começou, Régis e Aninha eliminaram outros dois e o último que tentou atirar foi morto por Régis. Celso Capeta se incumbiu de arranjar um carro para jogar os corpos em outra zona.

## 5.2 Espaços marginalizados

O espaço da favela tem um ar intimidador que nos faz pensar que é um lugar pouco propício para abrigar a vida. Este sentido é repassado constantemente pelo centro, que a periferia culmina em violência. De acordo com Dalcastagné (2012), em seu livro *Literatura Brasileira contemporânea: um território contestado*, os marginalizados são empurrados para espaços decadentes como forma de limpar os lugares visitados pela minoria, desse modo vai contribuindo para a segregação espacial. Diversos fatores contribuem para esta marginalização, por exemplo, falta de educação, falta de políticas públicas, dentre outros. Com o crescimento da cidade este contexto está cada vez mais se ampliando.

Para essas pessoas, ocupar um espaço é sinônimo de se contentar com os restos- as favelas, as periferias, os bairros decadentes, os prédios em ruínas. Mesmo o trânsito por determinados lugares e ruas lhes é vetado, como se fossem placas, visíveis apenas para elas, dizendo “não entre”. Afinal “não há espaço, numa sociedade hierarquizada [...] sob uma forma (mais ou menos) deformada e sobretudo mascarada pelo efeito da naturalização. (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 120-121)

A violência na favela tornou-se recorrente, visto que alguns personagens usam dela para resolver problemas, trazer alimento para casa. A linguagem coloquial, própria dos moradores da favela na narrativa, e uma forma de aproximar o leitor dos personagens e de denunciar o descaso com a periferia.

A recriação literária através de uma linguagem coloquial “chula” representava, ao mesmo tempo, a vontade de superar barreiras sociais da comunicação e imbuía a própria linguagem literária de uma nova vitalidade, superando o impasse do realismo tradicional diante da nova realidade urbana.

(SCHOLLHAMMER, 2000, p 244)

Os textos literários de autores vistos como marginalizados confirmam que um dos objetivos é a denúncia das mazelas e o descaso das autoridades com a periferia, por intermédio de seus personagens. Assim, textos de resistência à imposição da alta Literatura depõem sobre uma ordem social antes camuflada por escritores anteriores.

Os moradores da favela estão na categoria de novas produções da Literatura contemporânea. O espaço desenvolvido na narrativa culmina para o crescimento da violência pelos criminosos da obra. E voltando a atenção dos escritores consagrados que podem mostrar a representação da favela nas obras dos escritores marginalizados.

Através da leitura da obra *Manual prático do ódio* percebemos marca da violência social dos personagens Régis que, para ganhar dinheiro mata qualquer um que passa a sua frente. Apesar de serem amigos, Nego Duda é morto por Régis. A legitimação da violência é tida com o espaço social dos personagens, ou seja, a favela. Lugar onde sujeitos marginalizados fazem parte.

Os autores retratam suas experiências na periferia denunciando suas mazelas e a marginalização destas pessoas. A Literatura Marginal é escrita por aqueles que foram colocados à margem da sociedade. É uma escrita que evidencia as experiências vividas nas periferias pelos autores que apresentam um vocabulário próprio. Os autores exibem uma vida dura para os moradores da comunidade, repleta de desigualdades e de uma tendência para o crime.

Como podemos observar na obra *Manual prático do ódio* “Nego Duda pichou na parede de sua casa numa bela manhã de sábado.” (FÉRREZ, 2014, p. 43). A revolta sendo explicitada em forma de pichamento no muro de sua casa, mas não podemos esquecer que a maior revolta é o assalto. O personagem Nego Duda vê o desemprego com raiva e sua indignação aumenta quando sai à procura de emprego e não encontra.

os percursos que essa literatura oferece levam à dramatização daquilo que frustra a ideia de cidade utópica – moderna, racional e funcional; já que não pressupõem apenas as teorias da ordem urbana, que não mais dão conta dessa cidade

babélica, que se tornou, para a maioria de nós, paisagem inevitável, morada incerta (GOMES, 2000, p. 03).

Como Schollhammer (2000) defende que a vingança é vista como um incitamento à violência capaz de perturbar a calma já instalada na cidade. Tornando um ciclo vicioso de violência entre os criminosos. Observamos este ciclo ser frequente, mas há a vingança que ocorre entre pessoas que não são criminosos, porém sofreram por criminosos como é o exemplo de Auxiliadora, assassinada por Modelo, por ser tia de Neginho da Mancha na Mão. Paulo o namorado de Auxiliadora, ficou desolado com a morte de sua amada. E não perdeu a oportunidade de vingar sua morte ao ver Modelo caído no chão.

Paulo estava voltando da padaria quando viu o rapaz caído, não acreditou que Deus havia lhe dado esse presente, Modelo ali jogado no chão ainda respirava, alguns curiosos olhavam, Paulo se aproximou, jogou os pães no chão e colocou as mãos no pescoço dele, começou a apertar, o rosto de Auxiliadora, ela poderia descansar [...] (FERRÉZ, 2014, p. 266)

Merleau-Ponty (1999) afirma que a organização das coisas possibilita a ocorrência de fatos violentos ou não na cidade.

O espaço não é o meio ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível. Quer dizer, em lugar de imaginá-lo como espécie de éter na qual todas as coisas mergulham, ou de concebê-los abstratamente como um caráter que lhes seja comum, devemos pensa-lo como potência universal de suas conexões. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 327)

A instabilidade do espaço traz uma vida inconstante para os jovens que têm a violência como caminho a ser percorrido por quem mora no bairro. Os sujeitos ficam condicionados ao que propagam, ou seja, diferente será o caminho de quem segue pelo crime, senão: a cadeia ou a morte. Ferréz naturaliza a violência no meio marginalizado e suas consequências. Aninha foi a única a escapar da morte arquitetada pelo delegado Mendonça.

O assalto foi arquitetado por Mágico que foi ardiloso em pensar em todos os detalhes para que ocorresse conforme planejara.

A réplica da pistola 380 esteve em ação, Celso Capeta entrou calmamente na agência, fingiu que ia pedir informações para o vigilante da porta e o rendeu com a réplica da pistola,

disfarçadamente pegou o controle da porta e liberou a entrada de Régis e Lúcio Fé, o vigilante nem piscava, por baixo da farda também batia um coração, mas Celso sabia que por uma bonificação no salário o vigilante era capaz de tentar fazer uma merda, se fizesse iria visitar o capeta. (FERRÉZ, 2014, p. 172)

O assalto saiu como foi planejado, os outros estavam esperando em seus devidos lugares, Aninha estava estacionada aguardando o dinheiro para transportar para a favela; Mágico esperava o grupo de assaltantes na favela para fazer a divisão.

Posteriormente ao assalto ao banco e à partilha do dinheiro cada um foi para seu lugar, Aninha estava apreensiva, pois soubera que Lúcio Fé foi baleado e apontava para um acerto de contas que envolvia Neguinho da Mancha na Mão, mas a ladra procurou outro lugar para ficar enquanto a situação não se resolvia.

O espaço social em que Aninha estava limitava-a seguir com seus sonhos; por mais que tivesse dinheiro, ela não conseguia se acostumar a sobreviver com ele. Este espaço define e eleva as pessoas que possuem bens e rebaixa todos aqueles que não têm propriedades. Para os trabalhos que o pessoal da favela estava acostumado a fazer não tinha disposição.

[...] começou a pensar nas profissões que sobravam para todos que conhecia, quando refletia sobre isso nunca acha algo a que podia se dedicar e ganhar um dinheiro honestamente, a caixa de isopor no farol cheia de água gelada e refrigerante ela não aguentaria carregar por muito tempo no sol quente, imaginava todos fechando o vidro na sua cara, dando risada pelo vidro fumê [...] (FERRÉZ, 2014, p. 209)

Sem perspectiva de conseguir algo melhor, Aninha sempre sonhou em ser atriz de filme de terror, para uma mulher que resolve os problemas da favela, uma mulher destemida, são sonhos que foram abandonados porque enveredou por um caminho, visto por ela, sem volta.

Outro personagem que entrou na vida bandida por causa do dinheiro chama-se Modelo, mas além do dinheiro Modelo queria poder na favela estava conseguindo-o poder através da venda de drogas, com distribuição de entorpecentes para os policiais. Homem sem escrúpulos que mata por matar.



[...] Régis continuou tentando entender, e sabia que Modelo era louco de pedra, pois o último crime que fez foi totalmente estranho, havia ido cobrar um menino que devia dinheiro para seu ponto de drogas, e na hora da discussão a mãe do menino entrou na frente e Modelo sem mais nem menos deu um tiro na cabeça da mulher, [...] (FERRÉZ, 2014, p. 215)

O que Modelo pretendia era comandar aquele espaço do tráfico mesmo que tivesse que matar os adversários ou quem não pagava as dívidas. Ele amedrontava qualquer pessoa na favela com seus crimes, com a proteção dos policiais, Modelo estava ganhando o comando da favela. Régis sentia a necessidade de parar Modelo, pois o bandido estava extrapolando com a maldade na periferia. Delegado Mendonça começou a se articular com Modelo para fazerem parceria na favela. Com o repasse do dinheiro para a polícia, o poder do criminoso se expandia pela favela.

A pesquisadora Dalcastagné (2003) assegura que “a cidade está cada vez mais longe” (DALCASTAGNÉ, 2003, p.120), tornou-se um lugar dos sonhos e do crime, pois estava mais fácil para realizarem um assalto a ir morar nela. A segregação ainda é muito forte na cidade.

Retomando o assalto ao apartamento, ocorreu um embate entre a classe média alta e a marginalização da periferia, por meio do assaltante que sentiu nojo dos donos da casa e agrediu a Erika.

“Celso estranhou quando Alfredo que estava indo com a cadeira de rodas na sua frente soltou um grito e desmaiou. Ao chegar à entrada da sala, rapidamente Celso passou pela cadeira de roda e tomou outro susto quando viu a cena, Armandinho havia desferido vários golpes com o cabo da pistola no rosto de Érika e ela estava com o rosto todo ensanguentado e caída no chão.” (FERRÉZ, 2014, p. 200-201)

O motivo para esta cena brutal de Armandinho com Érika foi a insinuação que a dona da casa fez à empregada ao perguntar se ela conhecia os assaltantes, dando a entender que ela poderia ter algo com o assalto. Esse contato dito por Dalcastagné (2012), destaca-se pela inveja e pela raiva dos criminosos por aquela família. Tudo o que a família tinha era objeto de desejo dos criminosos que invadiram seu apartamento naquele fatídico dia. Como no exemplo abaixo:



[...] Armandinho se sentiu bem, uma dona daquela com um par de sapatos que certamente valiam mais que seu barraco na Zona Sul, uma dona daquela que tinha um par de brincos que certamente valiam mais que todo o dinheiro que conseguiu no ano passado, pedindo para ele, pedindo em vez de mandar, era muito prazer ouvir tudo aquilo, podia até sair sem o dinheiro, que já estaria bem pago, mas pensou novamente e decidiu que podia, mas não sairia sem o dinheiro. (FERRÉZ, 2014, p. 197)

Armandinho sentiu uma relação de poder se inverter quando ouviu e viu as pessoas da alta sociedade se referirem a ele ou a pessoas pobres com tom de arrogância ou intimação. Nesse momento ele tinha o poder através da arma mirada na cabeça da madame. Este ciclo vicioso de drogas e crimes é algo recorrente na narrativa de Ferréz, pois apesar da família cooperar com os criminosos e entregar o dinheiro, Armandinho disparou um tiro na testa de Érika que caiu em sua poça de sangue.

Cada ação violenta que ocorre, distancia o centro da periferia. A violência aprisiona os criminosos numa teia que a cada ação eles se afundam mais na violência.

Para Borges Filho (2007), “A personagem é pressionada por outros fatores a agir de tal maneira, não pelo espaço. Entretanto, ela age de determinada maneira, pois o espaço é favorável a essa ação” (BORGES FILHO, 2007, p. 39). O leitor fica estarecido com o grau de periculosidade dos bandidos ao se deparar com cenas como estas. Mas os bandidos afirmam que eles foram jogados nesse caminho do crime que não tem mais volta. Armandinho por um breve momento pensou que poderia ir embora sem o dinheiro só em ter visto a dona da casa numa situação humilhante.

Temos a ideia de que na favela não há lei e nem ordem, mas na favela retratada por Ferréz há um ritmo, mesmo que seja regido pelos criminosos. Numa certa passagem da obra, Régis, como um mantenedor da ordem, mata Adilson, porque este estava assassinando qualquer pessoa que lhe olhava diferente.

Régis tinha que resolver aquela parada, Adilson já estava abusando na favela, com esta já eram duas vezes que ele matava um inocente, o último fora um menino de 13, estava curtindo o samba lá na Zona de Perigo como era o apelido do lava-rápido que virava ponto de encontro no final de semana. (FÉRREZ, 2014, 106)

Esta cena demonstra que de certa forma é preciso uma ordem no meio da criminalidade e apesar de ser um espaço de exclusão da sociedade, a ordem que prevalece não é aquela dos policiais, mas sim a das autoridades da favela, ou seja, os criminosos. Para Régis e Celso Capeta realizarem o assassinato de Adilson, foi necessário que Aninha tirasse a mãe da vítima de casa.

- Minha filha, eu sei que você me tirou de casa por um motivo, eu tô cansada dessa vida, não se preocupe, eu sei o que você tá fazendo...

- Mas dona Laura...

- Não me interrompa, filha, eu não sou boba, meu filho tá aprontando demais, hoje talvez as noites de briga, de bebedeira, drogas podem ter um fim.

Aninha olhou para os olhos daquela mãe, seus olhares se cruzaram, e ambas se abraçaram, mas somente uma chorou. (FÉRREZ, 2014, p. 109)

Dona Laura apesar de saber o que ia acontecer chorou nos braços de Aninha. A mãe entendia que o filho teria este fim desde que entrou para o mundo do crime. Esta mistura de sossego e apreensão nos mostra como morar na favela requer uma força maior por ter que se subordinar a determinadas situações. Este trecho indica a consciência da moradora da favela, dona Laura, sobre o momento mais difícil, a morte do filho. Mas a senhora entende que é o único fim que pessoas como o filho poderiam ter.

Desse modo, como coloca Dalcastagné (2012), as cidades possuem apelo para o consumo que suscita a criminalização de grupos que não podem adquirir os produtos oferecidos pelo mercado consumista. “A violência urbana normalmente é entendida num sentido restrito, como aquela perpetrada contra os que possuem, não a que sofre os que nada têm.” (DALCASTAGNÉ, 2012, p.124). Reflete, então, a imposição aos marginalizados e a revolta deles por não fazerem parte destes grupos. Esta revolta se volta à sociedade em forma de assaltos, sequestros e mortes.

Outro criminoso que mata à toa é Modelo, que liquidou o Sem Janta porque este olhou feio para ele. Modelo estava sem freios, com a arma pronta, saiu a fim, de encontrá-lo.

Modelo era assim, num piscar de olhos resolvia promover ação, foi assim quando estava tomando café poucos minutos antes e decidiu que iria matar o Sem Janta, afinal na noite

anterior ele o havia encarado na porta da pizzaria do Valo Velho, então a decisão foi tomada no último gole de café[...]"

Para os marginalizados, a cidade torna-se um espaço de sobrevivência e não importa de que maneira, o importante é sobreviver. O meio encontrado pelos marginalizados das obras mencionadas, para o sustento é com a violência. A personagem Paulo não se entregou à violência na favela.

Ele odiava tudo isso, odiava viver naquele lugar, no mesmo que puxou seu pai para a cova e fez sua mãe fugir com o patrão e o abandonar ainda criança, mas sabia que o lugar tinha um ritmo, e ele outro, sabia que não devia entrar no ritmo do lugar e sim seguir o seu próprio. (FÉRREZ, 2014, p.77)

Paulo não simpatizava com o espaço medíocre da favela, onde não há respeito e a fofoca estava presente em cada comentários da vizinhança. A raiva iniciou quando ainda era pequeno sobre as várias versões a respeito da morte de seu pai. A personagem decidiu fazer seu rumo e não ser aliciado pelo crime um caminho que para ele não tem volta.

O autor mostra que a vida marginal de muitos personagens foi uma escolha, dado que nenhum deles foi empurrado pela situação. Régis escolheu seguir a vida criminosa como resistência à imposição de viver na miserabilidade da favela. Para o personagem Régis, é perceptível o aborrecimento dos moradores do centro quando se trata da favela.

Segundo Dalcastagné (2012), a marginalização do espaço contribuiu para a entrada de alguns personagens no mundo crime. Ferréz deixa claro que os personagens entraram para a vida criminosa somente por dinheiro e, como é visto nas obras, como forma de ganhar dinheiro e sair dessa vida de desigualdades e miséria. O grupo não se contentou com a vida da periferia, com a hierarquização imposta pelo centro, a marginalização da periferia sendo marginalizada e procuraram a maneira como queriam da sair da vida do crime.

Régis estava impaciente, estacionou o carro que pegou emprestado com o Mágico embaixo de uma árvore, o lugar era bem movimentado, os carros ao lado do seu talvez sejam deles, ninguém os distingue das pessoas tidas como normais, para ele são todos desgraçados, pagando cada um a seu jeito o preço de suas vidas tidas como normais, donos de lojas, banqueiros, doutores, sobreviventes às custas das misérias

alheias, tomam os vinte por cento da dona que precisa tanto daquele dinheiro [...] (FÉRREZ, 2014, p. 154)

No excerto acima, podemos verificar a indignação de Régis com a sociedade, contra o Estado, o personagem reforça que os delinquentes se transformaram em marginais por quererem objetos de valor, melhor condição de vida e não tem como, salvo através da criminalidade. Para ele o cenário de desigualdade é difundido através do determinismo do espaço. Há casos que o determinismo não ocorre, pois, mesmo morando na favela não se deixam levar para o lado do crime, por exemplo, Paulo e José Antonio. O narrador quer passar para o leitor uma realidade da periferia urbana, um espaço cheio de ódio, vingança, crimes e resistência.

Lúcio Fé só estava a observar, entraram dois passageiros no lotação, o cobrador já começou tirando, oferecendo lugar pra eles sentarem, eles quiseram ficar de pé aparentemente para não amarrotar os ternos, mais à frente desceram e o cobrador desabafou pra todo o lotação: - Ta vendo esses jão aí? Num quiseram sentar não ó! Vai sujar o terninho, mas sabe o que eles vão fazer hoje? Estacionar carro de rico a noite toda, e fica dando um de advogado, esses jão, viu! É jão de Manejão, lá no Rio todo mundo fala Mané, aqui é jão. (FÉRREZ, 2014, p. 51)

A intolerância dos passageiros é refletida no simples fato de pegar o ônibus. Apesar de usar o mesmo ônibus que os moradores da favela usam, não quiseram sentar por não querer sujar a roupa no ônibus, segundo os colaboradores Diniz e Batella “[...] crimes não ocorrem no vácuo, mas sim em contextos espaciais concretos, dotados de atributos específicos que favorecem, em boa medida, a ocorrência dos mesmos” (DINIZ & BATELLA, 2006, p. 55-56). Os espaços propícios à proliferação da criminalização são cultivados pelo centro, a partir do momento em que coloca uma barreira invisível entre a cidade e a favela.

A corrupção está presente em instâncias que deveriam proteger a sociedade de bandidos, como é o caso da polícia. Os bandidos precisam fazer acordos com a polícia para que eles possam andar e vender suas drogas livremente na favela. O delegado Mendonça coordena o grupo de criminosos dentro da favela, é pedófilo e desrespeitoso. Sua ambição está acima de

qualquer juramento que fez ao tornar-se um policial.

Realizar negócios com bandidos é mais vantajoso para os policiais sob o comando do delegado Mendonça. O espaço da favela representado na obra é propício ao surgimento e à proliferação de determinadas atividades criminosas “Os outros policiais olharam para o Golf simultaneamente e o consenso foi o carro, Régis foi liberado, a pé para a casa de Aninha, e teria que passar o documento do veículo para os policiais na segunda-feira sem falta. (FERRÉZ, 2014, p. 58)”, para sair vivo da situação em que se encontrava, Régis entregou o carro aos policiais e depois levaria os documentos.

Os policiais acreditam que, por serem policiais, têm direitos sobre as pessoas marginalizadas e os bandidos. Este poder que tenham é direcionado a outras maneiras, não se relaciona à prender bandidos ou desfazer as bocas de fumo da periferia, mas fazer parte deste ciclo de crimes.

Por mais que suas atitudes sejam de um criminoso duro e calculista, Régis ainda possuía um pouco de lembranças de sua infância. Deslocar-se pela favela e ver as crianças brincando o faz pensar nas alegrias que viveu antes de fazer parte do crime. “Dinoitinha e seus dois irmãos estava brincando com um fusca azul abandonado. (FERRÉZ, 2014, p. 146) O criminoso sabia que as crianças sempre estavam com fome, uma vez que a vida na periferia era complexa. Como um ato caridoso, Régis ajudava essas crianças dando-lhes pão, o que era um alívio para essas crianças carentes.

Outra situação que estava preocupando o assaltante era a atitude de Modelo querer encadear uma boca de fumo perto de crianças. Para ele, criança não fazia parte das drogas. Modelo estava prejudicando a infância daquelas crianças. “Régis como era fissurado em crianças, não admitia a venda de drogas na quebrada, tinha vontade de mandar avisar que se ele persistisse na ideia iria ter sérios problemas.” (FERRÉZ, 2014, p. 148) Contudo, Régis sabia que pessoas apressadas no crime não sobreviviam muito nesse espaço, pois sempre aparecia alguém para dar-lhes um fim.

O cotidiano da periferia pode ser desastroso para jovens, para famílias que estão sem nenhuma perspectiva de direcionamento. Os atos criminosos podem ser recompensadores, mas nem todos participam desta vida infratora. Paulo trabalha na metalúrgica, é morador da favela junto com a avó. Nesse espaço, ele convivia com todo tipo de pessoas, fofoqueiras, criminosas dentre

outras, mas Paulo não enveredou pelo lado do crime, preferiu trabalhar e ajudar sua avó em casa.

Presencia constantemente o rebaixamento social de muitas pessoas na favela, o seu esconderijo para não cair nas infrações eram os livros, Herman Hesse, Tchekov, dentre outros. Paulo gostava de conversar com seu professor, com quem fez amizade depois que terminou a escola, que ficava a uma longa distância de sua casa. Era conhecido na escola por causa da amizade com o professor e passava um bom tempo conversando com seu amigo.

O espaço da favela é favorável para algumas ações dos personagens. Aninha é envolvida pelo crime, para sobreviver neste espaço. Ela não conseguiu ver outra maneira para viver na favela. Não se lembrava de nenhum emprego que gostasse de trabalhar.

Contudo alguns personagens destacam-se nesse meio conflituoso do crime, como Dinoitinha, uma criança que ainda internaliza a ingenuidade típica de crianças e que a periferia ainda não conseguiu corromper. A criança é vendedora de rosas no semáforo. Num determinado dia, uma mulher deu um cartão ao menino, pensando que ele nunca ligaria. Alguns dias depois, o pai da criança faleceu e sua mãe estava sem nenhum dinheiro para o funeral. A criança teve então a ideia de ligar para o número daquela mulher e pedir alguma ajuda.

-Eu sou o menino que vende rosa.  
 -Certo, estou lembrando, o que você quer?  
 -Eu liguei porque meu pai morreu e ...  
 -Ó menino, vamo pará de papo furado, cê ta querendo a merda do dinheiro, não é?  
 -É fogo, por isso não gosto de nada de graça, uma merda de uma rosa e ...  
 -Moça, é que meu pai morreu e ...  
 -Vai pra puta que pariu, menino, cê num tem o que fazer, não é? Seu trombadinha.  
 -Mas moça ...  
 -Ah! Vai pro inferno, não tenho tempo pra isso não. (FERRÉZ, 2014, p.259)

No fragmento acima, o personagem Dinoitinha percebeu a sua triste realidade e o preconceito de algumas pessoas com relação a outras mais pobres. Logo que a mulher desligou o telefone, sua mãe perguntou o que ela disse do outro lado da linha. A criança sem coragem e com vergonha disse que

a moça estava nervosa e que ligaria depois. O preconceito é inteiramente visível nesta cena, como em grande parte do livro, a moça não deixou a criança falar e já se antecipou com rispidez.

O espaço social é formado por pequenos espaços ou campos, cada pequeno espaço deve estruturar-se conforme seu capital. Com a partilha do dinheiro do assalto ao banco, Aninha guardou o seu dentro do congelador de sua geladeira, pois, devido aos rumores do assalto, podiam desconfiarem se ela chegasse com algo novo, assim ela não poderia fazer maiores gastos.

[...] estava exausta, sabia que precisava de um meio de transporte, mas urgente, mas também sabia que não podia chamar a atenção e onde estava morando, era só chegar com um simples fusquinha que a rua inteira começava a falar [...] (FERREZ, 2014. p. 208)

Não podemos deixar de pontuar que Aninha foi esperta quando percebeu que algo estava errado. Depois da morte de Celso Capeta e Mágico, fugiu com sua parte do dinheiro de volta para a Bahia. Não avisou a ninguém, pois seria perigoso e Neguinho da Mancha na Mão queria vingança pela morte de sua tia, tentaria convencê-la a não ir.

Aninha sabia que o dinheiro certamente daria para o que planejava, vida nova, sem maldade, encrenca, queria encostar em um balcão novamente e não ter medo de ser baleada enquanto tomasse um refrigerante, entrou no automóvel e pediu para o motorista ir para a rodoviária. (FERREZ, 2014, p.253)

Embora não soubesse da verdadeira armação arquitetada pelo delegado Mendonça, Modelo e Régis, este foi forçado a salvar o filho Ricardo, dias antes na delegacia. O plano era a morte de todos os envolvidos no assalto ao banco e o dinheiro no bolso do delegado e de seu amigo Modelo. O objetivo era que Régis inventasse um sequestro e que todos deveriam ajudá-lo a trazer seu filho de volta. Ele levaria os parceiros à casa de Modelo, afirmando que a informação que recebeu foi de que o garoto estivesse lá e Mágico entraria para negociar, sendo o primeiro a morrer. Por causa do aviso de um garotinho, os

comparsas decidiram se dispersar para não serem pegos pela viatura que estava rondando. Então, o plano foi reformulado e a polícia matou Celso Capeta e Neguinho da Mancha na Mão.

O final trágico de Régis era o esperado. Mas foi triste, apesar da traição que cometeu com os parceiros. Foi forçado a resgatar o filho de Modelo e depois alvejado com um tiro no peito, porém conseguiu matar Modelo e pegar o dinheiro que estava com o bandido, seguir para sua casa e devolver à sua esposa o filho. Morre antes de avisá-la de que precisa fugir da polícia que estava atrás do dinheiro e das joias.

[...] Eliana se virou para vê-lo, ela veio em direção, mas deixar os olhos abertos estava ficando quase impossível, tentou dizer que não adiantava mais, mas não conseguiu pronunciar nenhuma palavra, o sangue não saía mais pelo buraco, luz é o que saía pelo buraco, os sintomas ele não conhecia mais, talvez um ataque cardíaco, fechou os olhos, a luz estava forte demais, sentiu que ia se afastar e sua tentativa de sorrir estilhaçou como um copo de cristal arremessado com força contra uma parede. (FERRÉZ, 2014, p. 271)

Podemos deduzir que caminhos que podem ser positivos ou negativos depende da posição social em que o sujeito esteja e suas armas. A personagem Régis empunhou e tentou sobreviver da única maneira que sabia através do crime tencionou sair da favela depois que acumulasse dinheiro suficiente para sua família. Outro personagem que foi corrompido pela violência na periferia foi José Antonio que desfalcou a caixa de dinheiro da igreja para ajudar no funeral do pai de Dinoitinha.

Com isso, conferimos que o espaço social possui uma relação íntima com os personagens de *Manual prático do ódio*, que percorreram os caminhos mais tortuosos para saírem do modo de vida que seguiam ou para ter mais poder na favela.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolvemos nessa pesquisa uma discussão sobre a teoria do espaço como elemento importante para as relações entre os personagens. Teorizamos esta relevância com o aporte teórico de Bourdieu (1990) Brandão (2013), Dalcastagné (2012), Gomes (1999), Merleau-Ponty (1999) e Borges Filho (2007). No intuito de entender que o espaço periférico está correlacionado ao poder e a imposição de criminosos que dominam a periferia. Isso posto foi possível entender o espaço físico enquanto a favela, o espaço social sendo composto por agentes e as propriedades que eles trazem para a periferia os moradores que têm riquezas, conquistadas pelo crime e pela venda das drogas.

Procuramos apontar como o espaço influencia as personagens, uma vez que, o momento e o lugar do qual eles falam, desloca os valores que compartilham. As narrativas que fazem parte desta Literatura Marginal buscam abordar temas antes desprezados pelos grandes escritores nos permitindo perpassar espaços conflituosos que estão no cotidiano dos moradores da periferia paulistana.

Ferréz, enquanto ativista social, com suas obras materializa sua própria literatura marginal e divulga novos escritores oriundos da periferia provocando uma reviravolta nos grandes centros literários. A abertura possibilitada pelo engajamento desse escritor também é vista nos meios acadêmicos através de publicações de artigos, trabalhos de Dissertação e Teses com temas envolvendo a produção de escritores da periferia, a violência e o sujeito marginal inseridos nela.

Como dissemos alhures, a obra analisada foi escolhida por induzir aos estudos sobre os espaços físico, social e apropriado naquilo que se tece na textualidade constituída no fazer literário de Ferréz que, transpõe a violência física e real do mundo no qual se vê imerso, ao mundo paralelamente real que impõe-se em sua escrita, na violência posta às claras em sua literatura e que insiste por insistirem nela nos centros urbanos marginalizados.

Os espaços conflituosos são palcos de disseminação do crime pelos moradores deles, seres, pessoas, personas gratas e non gratas que vegetam às margens dos que vivem. O que faz o leitor seguir na linha sinuosa de

configurações estereotipadas oriundas dos olhares outros que estranham a crueza da favela. Os seres são exóticos para a elite, as pessoas são socialmente marcadas a ferro e fogo na terra sem lei que sobrevive em um protótipo de código, no manual do como odiar que reverbera na escrita. As personas, personagens tornam a entidade que pretende se mostrar pelo viés da escrita, da narrativa ficcional que de tão crua, tão nua se corporifica em um real agudo e perverso superando a fluidez, desconstruindo a beleza imposta e adentrando no âmago dos seres, pessoas, personas, personagens, non gratas à elite e tão gratas aos que vivem e dizem do que vivem.

Para alguns moradores a favela é vista como um espaço de desprezo e como o único resquício do que seja a sobrevivência. Os que desprezam o lugar onde vegetam buscam no crime um trampolim para sair deste lugar e passarem a viver de um outro posto que é sempre imposto pelos outros pelos que não estão lá, nem querem estar, nem querem lembrar que existe lançando sobre os outros as barreiras invisíveis impostam pelo centro que de tudo faz para barrar sua entrada.

*Pudemos ver no Manual prático do ódio* a narração de uma história que tornou-se História, ou vice versa, que talvez tenha transposto seis criminosos, Régis, Aninha, Celso Capeta, Neguinho da Mancha na Mão, Mágico e Lúcio Fé, em seis protótipos de heróis de um anti-heroísmo envolto a tramoias. São assaltantes que roubam algo além do dinheiro, assaltam o simbolismo da ânsia de ser o ter que lhes falta e que acreditam suprir pelo viés monetário. Não enxergam a transparente e opaca barreira socialmente construída que jamais permitiria a eles tendo o espólio que for, conseguirem sair do já lá, que os arrastará sempre para a tragédia. O carinhoso e diminutivo nome que reveste Aninha, não a suporta. Ela é a mulher, é favelada, é pobre, é a nordestina, é “cota” feminina, é a “expert” em armas, é a sobrevivente, é a fortaleza, que consegue sair do mar de água emergindo sua cabeça por instantes no entremeio do real cru com a vitória branda e marcante que a materializa.

O banco é o acesso, a parede fina que para eles, em sua visão deslumbrada, permitiria quebrar a parede e adentrar no “belo mundo”, na “bela vida”. O problema era quebrar além dela, limpar a cor de suas peles, a marca de caim de suas origens, vestirem-se de algo que pudesse anular tudo o que já eram, pois para os outros tudo o que eles eram era nada. Era o vazio, e eles

queriam no ato de roubar, preencher tudo o que acreditavam faltar. Assim poderiam “mudar de vida”, saírem da favela.

Régis, é regente, é rei de crime, é res e pode portanto, também ser coisa na raiz latina de seu nome. Parente de Ferréz? amigo de Reginaldo? Não. Ele foi trazido por Reginaldo, que transita entre diversos Régis, que por sua vez habitam, de modo nômade, instável, os diversos espaços, e em seu espaço aquele no qual o filho de Régis é sequestrado, numa arquitetura criminal elaborada por Modelo e delegado Mendonça obrigando Régis a reger, a tramar a morte dos parceiros de crimes. Suas vidas se encadeiam a de outros personagens que vivem diariamente a violência na favela. Os moradores já estão acostumados com esses crimes praticados por disputa de pontos de venda de drogas na favela e já viraram rotina.

Os autores de literatura marginal retratam suas experiências na periferia denunciando suas mazelas e a marginalização destas pessoas. A Literatura Marginal é escrita por aqueles que foram colocados à margem da sociedade. É uma escrita que evidencia as experiências vividas nas periferias pelos autores que apresentam um vocabulário próprio à periferia. Seus autores exibem a vida dura dos moradores da comunidade, repleta de desigualdades e de uma tendência para o crime. Os textos literários de autores vistos como marginalizados confirmam que um dos objetivos é a denúncia das mazelas da periferia e o descaso das autoridades com a mesma, sento por esta via também textos de resistência à imposição da Alta Literatura.

Os moradores da favela adentram em uma categoria de novas produções da Literatura contemporânea. Ou dizendo de um outro modo podemos inferir que, como Spivak, os subalternos podem falar ou, no dizer de Dalcastagné, as personagens que antes serviam apenas para realçar os legítimos, que eram secundários, agora agem, movimentam-se na trama e movimentam a própria trama. O espaço é constituído neles e por meio deles agindo, versando, calando, existindo na trama que se terce de fora e constrói o dentro na narrativa.

O espaço desenvolvido na narrativa culmina no crescimento da violência praticada pelos criminosos na obra. Com a desobstrução do espaço central do meio literário, muitas obras e músicas conseguiram evidenciar o descaso que sofreram em busca de algum espaço de fala.

Os marginalizados são empurrados para espaços decadentes como forma de limpar os lugares visitados pela minoria de modo a contribuir para a segregação espacial. Diversos fatores contribuem para esta marginalização, por exemplo, falta de educação, falta políticas públicas, dentre outros. Com o crescimento da cidade este contexto está cada vez mais se ampliando cada vez mais.

O espaço citadino passou a ser disputado por seus moradores e pelos marginalizados que saíram da periferia para buscar a sobrevivência através da violência. Houve um deslocamento de objetivos, a cidade começou a ser um objeto almejado pelos moradores para saírem da vida sofrida e marginalizada da periferia, que contribui para a degradação do indivíduo.

Iniciamos a pesquisa com a recepção crítica sobre Ferréz e o início da utilização do termo escritor marginal para referenciar escritores que vivem e sentem na pele a segregação por suas obras pertencerem à literatura considerada marginal. Observamos a ligação de sua produção com o espaço em que se desenvolve, suscitando o conhecimento da periferia de São Paulo de outros autores e diversas obras com a temática marginal.

Ferréz iniciou suas primeiras investidas literárias aos 12 anos produzindo contos e poesias. Trabalhou como balconista, auxiliar geral e arquivista, mas o desejo ser escritor sempre prevaleceu. Lançou *Fortaleza da Desilusão* (1997), mas foi com *Capão Pecado* que o autor se destacou na literatura contemporânea. Em 2003, lança *Manual Prático do Ódio* legitimando sua escrita literária periférica. Na obra constatamos que o autor estimula a discussão acerca do espaço periférico e seus moradores como protagonista das novas obras literárias.

Nesse espaço em que a violência envolve os moradores, percebemos que há falta de assistência social, de segurança, de educação, levando muitos moradores a ver o comércio das drogas, os assaltos enquanto modos de sobrevivência. O grupo de assaltantes tenta mostrar que eles não têm culpa pelos caminhos da crueldade que seguiram, porque foram empurrados para esta direção.

Como observamos em nossa análise, a narrativa utiliza-se de linguagem coloquial comum em regiões marginalizadas do centro no intuito de aproximar a obra aos que acessarão a mesma no lugar do qual ela fala e por meio do

qual ela se constitui.

Explanamos ainda na análise da obra *Manual Prático do ódio*, a disseminação da violência no espaço da periferia e suas consequências sobre os personagens, observando como a violência corrompeu moradores levando a atos extremos tais como o abuso de poder exercido pelo delegado e seus policiais e sua “amizade escusa” com os traficantes da periferia.

Compreendemos que os estudos relacionados ao marginalizado apresentam uma voz que o força a acusar o preconceito à periferia e à sua produção literária. Ferréz aponta que a violência que faz parte da sua narrativa e a de outros escritores que usam a sua escrita para tratar de assuntos como deslocamento, resistência e espaço social.

O *Manual Prático do Ódio*, de Ferrez, alude e desilude as narrativas que anularam os atos, as práticas, o vivenciado pelos que foram anulados e agora emergem sem perder tempo ao narrar. A vida dos marginalizados é retratada em uma moldura que não suporta toda a realidade que explode aos olhos, aos ouvidos desacostumados com a barbárie humana. Não há como anular, silenciar as dores daqueles que já a sentem desde sempre e na impossibilidade de chorar aos prantos da tessitura narrativa, soluçam em um choro agudo, real, abrindo sua carne, mostrando suas feridas abertas, evidenciando as cicatrizes da perversidade de um sistema anulador da verdade aspejada que não existia narrada e que agora há entre nós, por ser compartilhada pelos que estão tornando a margem um centro irradiador de literatura pulsante e lançadora de fisgas permitindo na penumbra do real da vida, uma farpa de luz por meio da qual é possível ver na violência a vivência dela mesma no lugar que a elite deu para que ela crescesse e florescesse sem esperar que ela ficasse viçosa e adentrasse no mundo paralelo de suas pretensas belezas.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Luciene; DALCASTAGNÈ, Regina (Orgs.). *Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Zouk, 2015.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BRANDÃO, Luiz Alberto. *Espaço literário e suas expansões*. Disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1397>. Acessado em: 15 de jul.2017.
- \_\_\_\_\_. *Teorias do Espaço Literário*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, MG: FAPEMIG, 2013.
- BORGES FILHO, Ozíris. *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*. Franca: Ribeirão gráfica e editora, 2007.
- BOURDIEU, P. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. Trad. de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. Espaço social e espaço simbólico. In: \_\_\_\_\_. *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papius, 1996. \_\_\_\_\_. Espaço social e poder simbólico. In: \_\_\_\_\_. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987, pp. 212-13.
- CANDIDO, Antonio (2011). O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Azul.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*. 10ª ed., Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. 8ª ed., São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).
- CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Violência no Rio de Janeiro: uma reflexão política. In: Pereira et alii (org.). *Linguagens da Violência*.
- CRUZ, Adélcio de Sousa. *Narrativas contemporâneas da violência: Fernando Bonassi, Paulo Lins e Ferréz*. 2009. 228 p. Tese de Doutorado – Literatura Comparada – Pós-Lit/FALE/UFMG, Belo Horizonte. Disponível em < <http://hdl.handle.net/1843/ECAP-7V3GHU> >. Acesso: junho 2010.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea. In *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 7, n. 2, jul/dez 2003.
- Dalcastagné, Regina, A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004, *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, jul.-dez. 2005 p. 13-71. Acessado em: 15 fev. 2017.

DALCASTAGNÉ, Regina (2012). O lugar da fala. In: *Literatura brasileira contemporânea: Um território contestado*. Vinhedo: Horizonte; Rio de Janeiro: EdUERJ.

\_\_\_\_\_. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

\_\_\_\_\_. Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 20. Brasília, 2002, pp. 33-77

\_\_\_\_\_. Narrador suspeito, leitor comprometido. In *Entre fronteiras e cercado de armadilhas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Finatec, 2005A. p. 11-32.

\_\_\_\_\_. Isso não é literatura. In *Entre fronteiras e cercado de armadilhas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Finatec, 2005A. p. 63-74.

DINIZ, A. M. A. & BATELLA, W. B. Abordagens espaciais no estudo da criminalidade violenta nas cidades médias mineiras. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL sobre CIDADES MÉDIAS, 2006, Uberlândia. **Anais**. Uberlândia, p. 1-13.

ESLAVA, Fernando. Literatura marginal: o assalto ao poder da escrita. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília, n.24, jul-dez de 2004, pp. 35-51.

EBLE, T.A. & LAMAR, A.R. A literatura marginal/periférica: cultural híbrida, contra-hegemônica e a identidade cultural periférica. *Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas*. Ilhéus, v. 15, n. 27, jul/dez de 2015, pp. 193-212.2

FONSECA, Rubem. *Feliz ano novo*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

FERRÉZ. *Capão pecado*. São Paulo: Labortexto, 2000

FERRÉZ. Manifesto de abertura: literatura marginal Terrorismo literário. In: FERRÉZ (Org.). *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

\_\_\_\_\_. *Manual prático do ódio*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2003.

GOMES, R. C. *A cidade, a literatura e os estudos culturais: do tema ao problema*. Disponível em: <[www.revistaipotesi.ufjf.br](http://www.revistaipotesi.ufjf.br)>. Acessado em: 26 de jun. de 2017.

LÉFÈBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.



PELLEGRINI, Tânia. As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea. In: *Despropósitos: ensaios de ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.

\_\_\_\_\_. *No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Brasília, n. 24, jul-dez de 2004, pp. 15-34.

\_\_\_\_\_. A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade. *Revista de Filologia Românica*, São Paulo, p. 355-370, 2002.

SCHOLHAMMER, Karl Eric. Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira, em PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (org.). *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

\_\_\_\_\_. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

\_\_\_\_\_. Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo. In: DALCASTAGNÉ, Regina (Org.). *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Ed. Horizonte, 2008.

\_\_\_\_\_. *Linguagens contemporâneas da violência*. In: *Cena do crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

\_\_\_\_\_. O espaço transportado. In *Entre fronteiras e cercado de armadilhas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Finatec, 2005A. p. 91-104.

\_\_\_\_\_. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SOUZA, Renato de. O 'caso Ferréz': um estudo sobre a nova literatura marginal. 2010. 173 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/94076>>.

SUSSEKIND, Flora. Desterritorialização e forma literária. *Literatura brasileira contemporânea e experiência urbana*. In *Literatura e Sociedade*, São Paulo, n. 8, 2005.

SILVEIRA, Eliane Pereira. Manual prático do ódio: a ficção de um subalterno. In: *Ideias*. Revista do curso de letras. UFSM. 22 - Jul/Dez 2005.

Kilmar. Poeta marginal Ferréz discute literatura no desenvolvimento do senso crítico. Disponível em: <http://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/poeta-marginal-marc-ferrez-fala-durante-o-proler-sobre-o-papel-da-literatura-no-desenvolvimento-do-senso-critico-de-um-povo/>. Acessado em: 20 de dez. 2017.

RODRIGUEZ, Benito Martinez. O ódio dedicado: algumas notas sobre a produção de Ferréz. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília, 24, 53-67, jul./dez.2004. Disponível em:



<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2154> . Acessado em: 15 de dez. 2017.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Trad. Emir Sade. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZIBORDI, Marcos. Literatura marginal em revista. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília, 24, 69-88, jul/dez. 2004. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2155>. Acessado em: 18 de fev. 2017.

\_\_\_\_\_. “O escritor Ferréz, autor de *Capão Pecado*, fala da periferia e de seus projetos”, em *Revista Sem Terra*. São Paulo, ano VI, n.º 25, Julho/Agosto de 2004.